



**UNISUL**

**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**

**ÂNGELO FAGUNDES FIDELIX**

**GEOPOLÍTICA NA ANTIGUIDADE DO ORIENTE PRÓXIMO: O PERCURSO DO  
POVO JUDEU DE ACORDO COM A BÍBLIA**

Tubarão

2020

**ÂNGELO FAGUNDES FIDELIX**

**GEOPOLÍTICA NA ANTIGUIDADE DO ORIENTE PRÓXIMO: O PERCURSO DO  
POVO JUDEU DE ACORDO COM A BÍBLIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Luciano Daudt da Rocha, Me.

Tubarão

2020

**ÂNGELO FAGUNDE FIDELIX**

**GEOPOLÍTICA NA ANTIGUIDADE DO ORIENTE PRÓXIMO: O PERCURSO DO  
POVO JUDEU DE ACORDO COM A BÍBLIA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Relações Internacionais da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 8 de novembro de 2020.

---

Professor e orientador Luciano Daudt da Rocha, Me.  
Universidade do Sul de Santa Catarina

---

Professor Ricardo Neumann, Dr,  
Universidade do Sul de Santa Catarina

---

Professor, Andreas Schenkel, Esp.  
Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedico à Elizabeth de Bem Fagundes e a José  
Valério Fidelix.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado a oportunidade de estudar até o nível de graduação em Relações Internacionais, e segundo, aos meus pais que não mediram esforços para que isso fosse possível. Contudo, agradeço aos meus professores e colegas que tive durante todo o percurso acadêmico, principalmente ao professor Luciano Daudt da Rocha, que teve a sensibilidade de aceitar minha proposta de tema desta monografia para que eu pudesse fazer da melhor maneira de acordo com os devidos métodos científicos.

“O vento sussurra: "Volte para casa!", mas não posso” (TEFERI, 2018).

## **RESUMO**

O trabalho trata sobre a geopolítica na antiguidade do Oriente Médio, apresentando todo percurso do povo judeu de acordo com a Bíblia, tendo como objetivo geral os eventos relativos à peregrinação do povo hebreu na antiguidade, em especial durante o episódio do “cativeiro da Babilônia”, e como são tratados na mentalidade judaico-cristã a partir dos livros bíblicos. Tem como objetivos específicos identificar as relações entre o contexto histórico do Oriente Médio, com aquilo que existe na mentalidade judaico-cristã; entender o percurso histórico das tribos de Israel, como também a sua organização política e suas relações com outras civilizações; e debater de que maneira a ascensão, conquista e queda de impérios são apresentados nos livros bíblicos relacionando com o contexto geopolítico do Oriente Médio. Tudo isso é feito através de um debate bibliográfico e documental analisando os livros de história dessa região e as escrituras judaico-cristã. Os principais resultados são caracterizados por relações de grandes impérios interferindo na economia, cultura e rumo de pequenos reinos e povos, situados na região do antigo Oriente Médio.

Palavras-chave: Geopolítica, Oriente Médio, Judaico-Cristã.

## **ABSTRACT**

This article discourse about the geopolitics in the antiquity of the Middle East, presenting the entire journey of the Jewish people according to the Bible, having as general objective the events related to the pilgrimage of the Hebrew people in antiquity, especially during the episode of the “captivity of Babylon ”, and how they are treated in the Judeo-Christian mentality from the Bible books. Its specific objectives are to identify the relationships between the historical context of the Middle East, with what exists in the Judeo-Christian mentality; understand the historical background of the tribes of Israel, as well as their political organization and their relations with other civilizations; and to debate how the rise, conquest and fall of empires are presented in the Bible books relating to the geopolitical context of the Middle East. All of this is done through a bibliographic and documentary debate analyzing the history books of that region and the Judeo-Christian scriptures. The main results are featured by relations of great empires interfering in the economy, culture and direction of small kingdoms and tribes, located in the region of the ancient Middle East.

**Keywords:** Geopolitics, Middle East, Judeo-Christian.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa da região do Crescente Fértil .....	15
Figura 2 - Mapa da divisão entre o Delta e o Vale do Nilo.....	19
Figura 3 - Mapa da região da Mesopotâmia .....	20
Figura 4 - Geografia do Êxodo ao Deuteronômio .....	33
Figura 5 - Mapa das conquistas de Canaã .....	35
Figura 6 - Divisões Tribais .....	36
Figura 7 - Mapa dos tempos de 2 Samuel e 1 Crônicas. ....	38
Figura 8 - Leão na rua processional .....	49
Figura 9 - Imagem decorativa do palácio de Dario I, em Susa. ....	51
Figura 10 - Mapa da Expansão do Império Persa.....	56
Figura 11 - Expansão do Império Romano.....	57

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Cronologia da civilização do Egito antigo até a conquista Macedônica.....	17
Quadro 2 - Reis de Israel .....	40
Quadro 3 - Reis de Judá.....	40

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>AS PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES.....</b>	<b>15</b>
2.1	VISÃO GERAL DAS PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES DO CRESCENTE FÉRTIL .....	15
2.2	CIVILIZAÇÕES, POVOS E IMPÉRIOS .....	17
<b>2.2.1</b>	<b>Antigo Egito .....</b>	<b>17</b>
<b>2.2.2</b>	<b>Civilizações povos e impérios da Mesopotâmia.....</b>	<b>20</b>
2.2.2.1	Império Hitita .....	21
2.2.2.2	Império Assírio .....	21
2.2.2.3	Império Persa.....	22
2.2.2.4	Império Babilônico .....	23
2.2.2.5	Povo Hebreu .....	23
<b>3</b>	<b>O POVO HEBREU: ENTRE A HISTÓRIA E A BÍBLIA .....</b>	<b>25</b>
3.1	PENTATEUCO (DE GENESIS A DEUTERONOMIO) .....	26
<b>3.1.1</b>	<b>De Abraão a José (Gênesis) .....</b>	<b>26</b>
<b>3.1.2</b>	<b>De Moisés a peregrinação do povo no deserto (Êxodo, Números, Levíticos e Deuteronomio) .....</b>	<b>30</b>
3.2	DE JOSUÉ ATÉ A CONSTITUIÇÃO E SEPARAÇÃO DE ISRAEL .....	34
<b>3.2.1</b>	<b>Reis de Israel.....</b>	<b>37</b>
<b>4</b>	<b>CATIVEIRO BABILÔNICO .....</b>	<b>44</b>
4.1	PROFECIAS DE DANIEL.....	45
4.2	AS RELAÇÕES ENTRE AS CIVILIZAÇÕES NA ANTIGUIDADE DO ORIENTE MÉDIO A PARTIR DA TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ.....	54
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>58</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>61</b>
	REFERÊNCIAS TIRADAS DOS LIVROS DA BÍBLIA: .....	63

## 1 INTRODUÇÃO

Historicamente o povo judeu foi cercado por diversos acontecimentos que influenciaram diretamente no que eles foram se tornando ao longo dos tempos. É um fato que as escrituras bíblicas narram sobre histórias de glórias e fracassos deste povo. Outrora, é muito interessante como estas histórias são contadas e apresentadas no tempo. Entretanto, a Bíblia tem sido não somente um livro composto por conceitos religiosos a serem seguidos pelos seus seguidores. Ela apresenta uma ótica política sobre os povos da antiguidade, ela é capaz de relacionar histórias dos próprios povos bíblicos como também sobre outros povos e impérios.

No que se refere ao pensamento judaico-cristão, este assunto sempre acaba sendo muito intrigante no debate acadêmico nas mais diversas áreas científicas.

As religiões ao longo dos tempos mostram em toda a história humana a capacidade de mudar aspectos sociais num âmbito internacional. Observa-se que as religiões já provaram que foram e são peças primordiais para todo o conhecimento de culturas e conceitos ideológicos de determinados povos, grupos de pessoas e até mesmo de países.

Atualmente, podemos observar um mundo totalmente composto por diversas religiões espalhadas nos mais diversos países. Muitas religiões trazem diversos conceitos de vida e doutrinas que afetam cada vez mais o relacionamento entre pessoas no mundo todo. Algo que é muito intrigante em algumas religiões, está na forma que se constituíram. Isso fica cada vez mais interessante quando se trata das religiões que carregam em si, histórias e características milenares.

Voltando os olhos agora para a história do povo judeu, é possível analisar a Bíblia, na qual tem como sua finalidade atribuir não somente para um documento histórico sobre o que consta em toda a história do povo, mas também mostrar toda a influência que a cultura judaico-cristã tem como base hoje.

Hoje em dia, os temas mais abordados sobre o povo hebreu são referentes a sobrevivência da cultura judaica nos mais variados aspectos, podendo ir desde costumes, tradições e até mesmo a religião. Mas a problemática em torno disso tudo, e que acaba sendo fascinante, é o fato de como houve a sobrevivência dos ideais deste povo por tanto tempo, sendo possível observar os reflexos atualmente.

A história do povo hebreu narrada no livro de Gênesis (1999) começando na cidade de Ur a mais de 1800.a.C., o livro mostra o início de uma aliança do povo bíblico com o seu Deus, no momento quando ele pede para Abraão sair de uma determinada terra e ir para uma terra que ele teria prometido, sendo relatado no capítulo 12 do livro (GAARDER, et al 2001).

Contudo, a narrativa da história fala sobre um tempo muito grande em busca da terra prometida. É então, que nos relatos de Moisés já em tempos distantes ao de Abraão, que por volta de 1200 a. C, consta que as doze tribos de Israel depois de terem andado no deserto por muito tempo, encontram a terra prometida logo após a morte do próprio líder deste povo, Moisés (GAARDER, et al 2001).

Neste período em diante acaba ocorrendo diversos acontecimentos, tais como proclamação de reis, guerras, apostasias dentre outros fatores políticos e religiosos. Mas o que vai mudar completamente é o momento em que serão divididos os reinos, consolidando Israel ao norte e Judá ao sul. De maneira que então mais tarde os dois reinos começaram a ser tomados por forças estrangeiras. O primeiro foi o reino do norte no ano de 722 a. C pelos assírios, e logo depois o reino de Judá no ano de 587 a. C, pelos babilônicos (GAARDER, et al 2001).

Diante deste cenário, quando é apresentado o livro de Daniel (1999), o debate religioso passa a apresentar pistas sobre a conjuntura internacional da região naquele momento da história. Sendo assim também possível por exemplo, encontrar neste livro alguns atores internacionais que determinaram o rumo de um povo inteiro e das relações entre as civilizações do mundo antigo.

Este estudo visa investigar respostas para o seguinte questionamento: como as relações internacionais da antiguidade do Oriente Médio são abordadas no pensamento judaico-cristão, especialmente no que se diz respeito às “profecias de Daniel”.

Portanto, de acordo com a temática e os eventos contextualizados, este trabalho tem como objetivo geral, entender como os eventos relativos à peregrinação do povo hebreu na antiguidade, em especial durante o episódio do “cativeiro da Babilônia”, são tratados na mentalidade judaico-cristã a partir dos livros bíblicos.

No que se refere em caráter dos objetivos específicos, são apontados três importantes pontos. O primeiro tem como finalidade identificar as relações entre o contexto histórico do Oriente Médio, especificamente da região do Império Babilônico, com aquilo que existe na mentalidade judaico-cristã, interpretada a partir da Bíblia; o segundo em entender o percurso histórico das tribos de Israel, sua organização política, e suas relações com outras civilizações; e por último o terceiro ponto busca debater de que maneira a ascensão, conquista e queda de impérios são apresentados nos livros da Bíblia relacionando com o contexto geopolítico do Oriente Médio.

Entretanto, a temática da trajetória deste povo carrega em si informações curiosas, pois se atem a revelar elementos em que estão inteiramente ligados ao pensamento judaico-cristão atual. A religião cristã por exemplo, é um dos temas que mais apresenta diversidade de

pensamentos no mundo todo, esse tema já foi e continua sendo debatido em algumas áreas da ciência. Temas ligados a religião cristã tem proporções muito grandes e abrangentes principalmente quando se trata do rumo de uma sociedade que compõe este viés religioso. Assuntos como estes não costumam ser parte da maioria dos debates das relações internacionais. Isso acaba sendo muito intrigante, pois tal tema tem tido proporções bem grandes no âmbito internacional global. Principalmente se levar em consideração que o ocidente tem uma base cultural judaico-cristã muito forte.

Estudar esta temática se torna algo muito significativo, sendo que temas ligados a religião tem sido algo muito conflitante atualmente, tendo em vista para algumas pessoas no debate público, que religião é algo para não se discutir. Portanto, tanto para o meio acadêmico, religioso como também político, este assunto acaba sendo considerado de grande relevância. Porém, quando é analisado o povo judeu atualmente, facilmente nota-se um fator que está ligado desde a consolidação do início desse povo, até o momento atual.

Como tudo o que se sabe sobre os judeus, um dos fatores que fizeram este povo ser tão conhecido é a problemática de não terem conseguido a terra prometida pelo seu Deus. Problemática esta que tem repercussão até hoje. Entretanto, entender o início desta questão já se torna motivo suficiente para assuntos como estes serem discutidos, pois acaba sendo clara a influência que este tema tem no âmbito internacional do mundo todo.

Esta pesquisa objetiva contribuir no debate do pensamento acadêmico, apresentando pontos científicos que conversam com o documento bíblico. Desta forma o estudo tende a ampliar mais ainda as histórias bíblicas com os relatos históricos de maneira em que ciência e religião possam ser debatidas para um melhor entendimento da mentalidade judaico-cristã.

Contudo, na área política o estudo contribui para entender pontos sobre a mentalidade judaico-cristã que implica totalmente no meio social e cenário internacional, de maneira a discutir sobre os impérios apresentados até o cativeiro babilônico.

A motivação da escolha do tema foi justamente a questão de ser um assunto se trata sobre o início de uma problemática histórica.

Os objetivos desta monografia se caracterizam como exploratória. Segundo Cervo, et al (2007, p. 63) a pesquisa exploratória “Realiza descrições precisas da situação e quer descobrir as relações existentes entre seus elementos componentes”.

Entretanto, pode-se considerar que a pesquisa que carregam esta característica " requer um planejamento bastante flexível", desta maneira é possibilitado ao pesquisador fazer considerações de uma situação (CERVO, et al 2007).

No que se refere a abordagem desta monografia é designada com caráter qualitativo. Para Gil (2002) este tipo de pesquisa está a depender de alguns fatores a natureza dos dados, pressupostos teóricos, instrumentos de pesquisa dentre outros fatores que possibilitariam servir de base para pesquisa.

Em respeito às técnicas utilizadas para a coleta de dados será a análise de conteúdo e a análise documental. Segundo Martins (2004), a análise de documento normalmente se realiza através das consultas sobre os documentos ou registros, sendo assim caracterizados como autênticos cientificamente.

Contudo, a presente monografia no que diz respeito aos instrumentos e procedimentos utilizados na coleta de dados, irá trabalhar com a Bíblia Cristã como documento histórico, utilizando os livros bíblicos que atribuem a narrativa do povo hebreu até o cativo da Babilônia, não com o objetivo de comprovação dos acontecimentos sobre este povo, mas para entender de que maneira este povo trata sua trajetória na antiguidade e como compreendem o mundo na antiguidade.

Como parte bibliográfica para esta pesquisa será apurada com obras de autores que trabalham com história antiga, história das primeiras civilizações e com aqueles que se aтем a discutir sobre a história do povo hebreu e sua trajetória até o cativo babilônico.

A análise de dados será feita através de todo material levantado, buscando assim identificar os pontos sobre a mentalidade judaico-cristã, que estão relacionados ao episódio do “cativo da Babilônia”. De maneira que possibilite as análises sobre os referidos acontecimentos mencionados em documentos, livros, artigos e dentre outros materiais.

Por fim, a presente monografia inicia apresentando uma visão geral das primeiras civilizações que corresponde a uma região chamada de crescente fértil, onde irá dar um ponto de partida que explana não somente os povos e impérios que se situavam na região, mas também outros povos que incutiram seu poder nela. Após situar as regiões importantes, será explorada uma cronologia para entender todo o processo da consolidação do povo judeu desde os tempos de Abrão, passando pela consolidação dos reinos e divisão de Israel até o cerne principal que é as questões referente ao cativo babilônico num todo. Portanto, a última questão a ser mostrada será um debate do pensamento judaico-cristão sobre as questões geopolíticas que foram apresentadas anteriormente desde as primeiras civilizações.

## 2 AS PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES

### 2.1 VISÃO GERAL DAS PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES DO CRESCENTE FÉRTIL

Sempre quando é feito qualquer estudo relacionado ao povo hebreu ou de qualquer povo da antiguidade, é muito importante não deixar passar os fatores históricos em torno destes povos. Desta forma, irá ser apresentada uma visão geral de algumas das primeiras civilizações do mundo antigo que tiveram sua origem próximo ao Crescente Fértil.

Esta região teria ganhado este nome pois nos tempos mais antigos as terras que se encontravam neste local eram férteis e boas para a lavoura, sendo assim também possível notar em sua estrutura nas delimitações geográficas um formato parecido de “lua crescente” (CRESCENTE FÉRTIL, 2020).

Figura 1 - Mapa da região do Crescente Fértil



Fonte: Crescente Fértil, 2020.

As primeiras civilizações tiveram seu início perto dos rios. No que se refere sobre as primeiras cidades, pode ser destacada a região da Mesopotâmia por volta de 3500 anos a.C.

como a região das cidades civilizadas pelos historiadores, começando assim a se estabelecerem nas regiões próximas aos rios Tigre e Eufrates (CRESCENTE FÉRTIL, 2020).

Para a economia da região, os rios sempre foram muito importantes e dizem muito a respeito de como as primeiras civilizações se ergueram. Sendo assim a água um recurso muito importante para a construção delas ao longo do Crescente Fértil. Pinsky (2011) menciona esta importância e exemplifica em seu livro “As primeiras Civilizações” como os rios Nilo, Tigre e Eufrates eram “domados”. No exemplo do rio Nilo ele fala que as inundações que ocorriam entre os meses de setembro e outubro, eram muito importantes para se ter um solo novo e rico em matéria orgânica, neste tempo era bem comum encontrar no local pântanos e crocodilos. Para que conseguisse controlar a água foi preciso criar diques e reservatórios para um melhor proveito das terras. No caso dos rios Tigre e Eufrates ele menciona uma imprevisibilidade com relação as cheias dos rios, sendo assim que a construção de valas e pelo fato dos rios terem uma topografia plana com a existência de canais com braços naturais, era permitido com que as águas fossem desviadas.

Os rios Nilo, Tigre e Eufrates que contêm planícies fluviais extensas, acabaram favorecendo distinção de povos, em milênios entre regiões agrícolas de grandes populações, cobertas de aldeias urbanizadas. Entretanto, sediou-se assim Estados organizados como monarquias e regiões caracterizadas por estruturas tribais (CARDOSO, 1982).

Segundo Cardoso, (1982) o processo de Urbanização tem desembocado no momento que se obteve o surgimento de complexos econômico estatais, surgindo assim centros de uma nova forma de organização de riquezas onde os trabalhos sociais se incluíam neste aspecto. Cardoso (1982) fala ainda de uma das lógicas presentes nas primeiras sociedades sendo a da tributária-aldeã, que resultou assim no aparecimento da urbanização do Estado sobre as aldeias sedentárias. Sendo assim dando a parecer que isso aconteceu mais cedo no Egito do que na Mesopotâmia.

No período do Neolítico entre 4500 – 3000 a.C., os indivíduos isolados tinham mais poder que os primeiros agrupamentos da Mesopotâmia e do sul do Egito por terem a oportunidade e exercer suas atividades econômicas próprias, tais como lavrador e criador. Sendo que, ao passo que a sociedade de certa forma premiava o indivíduo por seus comportamentos, ela também o punia por eles (CARDOSO, 1982) (PINSKY, 2011).

Em uma segunda lógica econômico-social de Cardoso (1998), ele relata no terceiro milênio a.C. sobre a grande economia familiar ou individual. Esta segunda lógica econômica-social teve grande atuação nesta época, pois foi deste núcleo que se obtiveram o que se diz de interesses privados, como também neste período por diante a economia privada. No entanto, o

que se obteve com as economias privadas foi a constituição de dois mecanismos, sendo que o primeiro diz respeito ao arrendamento de pessoas ricas em grandes extensões de terras e, o segundo a subarrendamento em pequenos lotes, construindo assim uma clientela. De certa forma tudo isso acontecendo nas regiões do Egito e Mesopotâmia.

Contudo, neste contexto histórico dos tempos mais antigos a escravidão teve sua importância no que diz respeito aos fatores econômicos nas regiões do crescente fértil, visto que os escravos tinham naquela época uma personalidade jurídica, economia própria e certos direitos. Contudo, ele ressalta o uso maciço destes escravos “na economia palacial e templária”. O autor ainda afirma sobre a importância da escravidão no Antigo Egito na época do Reino Novo (entre 1550 a.C. – 1070 a.C.), sendo os escravos a comporem frotas militares como também trabalhavam para fins domésticos. De outra forma, ele também compara como era a escravidão neste tempo e menciona que a escravidão no Egito não era como na Grécia clássica helenística ou como na República do Alto Império na Roma, de modo à diferenciar que a escravidão egípcia não era tão ruim em termos de crueldade para com os escravos ao passo em que grega e a romana tinham como tratamento desses indivíduos (CARDOSO, 1998) (CARDOSO, 1982)

## 2.2 CIVILIZAÇÕES, POVOS E IMPÉRIOS

As seções a seguir tem como objetivo mostrar as civilizações, povos e impérios que situavam na região do crescente fértil, que interferiram direta ou indiretamente nas relações internacionais ao logo da construção do povo judeu.

### 2.2.1 Antigo Egito

Como importante parte introdutória, o Quadro 1 abaixo tem como finalidade demonstrar as fazes da história do povo egípcio. Ficando assim mais fácil para o conhecimento do que será apresentado daqui por diante.

Quadro 1 - Cronologia da civilização do Egito antigo até a conquista Macedônica.

<b>Período</b>	<b>Dinastia de Manethon</b>	<b>Datas antes de Cristo</b>
Paleolítico e Mesolítico		Antes de 4500 (ou 5500 segundo outros)

Neolítico e Eneolítico (pré-dinástico)		De 4500 (ou 5500) a 3000 (ou 3100)
Período da Unificação (Protodinástico)		De 3000 (ou 3100) 2920
Dinástico Primitivo	I a III	2920 – 2575
Reino Antigo	IV a VIII	2575 – 2134
Primeiro Período Intermediário	IX, X parte da XI	2134 – 2040
Reino Médio	Parte da XI, XII a XIV	2040 – 1640
Segundo Período Intermediário	XV a XVII	1640 – 1550
Reino Novo	XVIII a XXV	1550 – 1070
Terceiro período Intermediário	XXI a XXIV; parte da XXV	1070 – 712
Época Tardia	Parte da XXV; XXVI a XXX	712 – 332

Fonte: Cardoso, 1982.

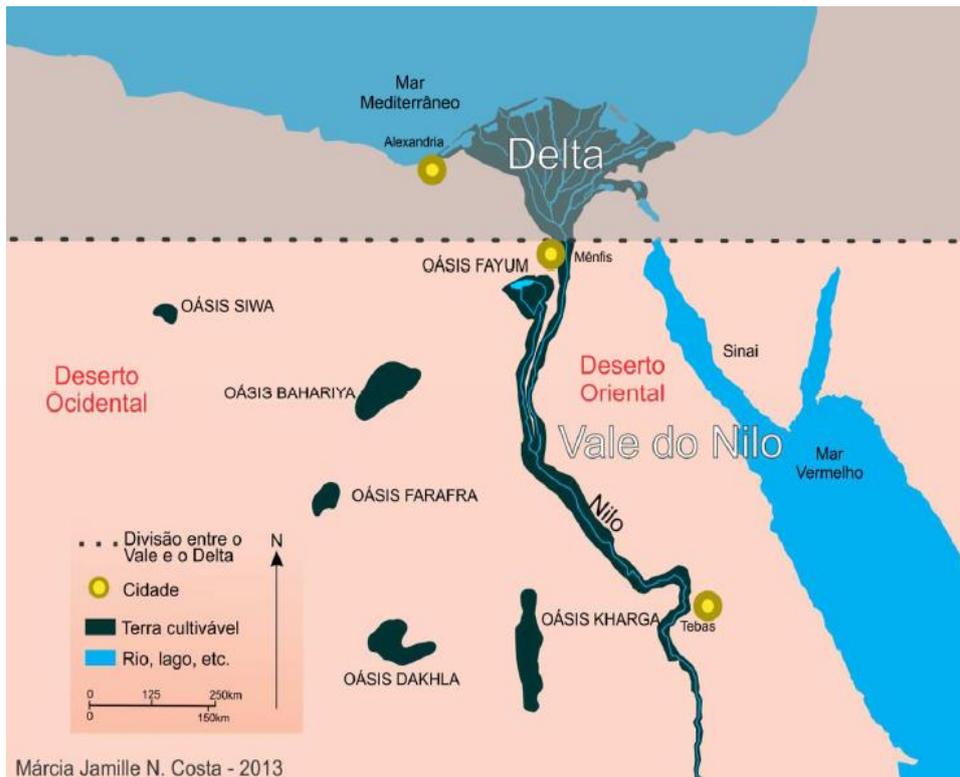
A civilização egípcia teve seu início as margens do rio Nilo por volta dos anos 5000 a.C. onde se acredita que seus colonizadores teriam origem do Saara (MARRIOT, 2015)

Segundo Ferreira (2011), a civilização egípcia seria composta por uma forma de governo que se constituiria através de uma monarquia teocrática centralizada no Faraó. Pinsky (2011) comenta um pouco mais sobre a vida dupla que os faraós tinham. De um lado o Faraó tinha que se representar muito bem perante o seu público como o próprio Deus vivo e como objeto de culto. Do outro passava por cultivar sua família como também usufruía uma vida de rei.

Pinsky (2011) ainda destaca que para os primeiros reis do Egito, os Faraós, diziam ser os reis das primeiras terras do Delta e do Vale. Pode-se encontrar algo parecido mais tarde nas falas de Marriott (2015) discorrendo sobre a cronologia egípcia e o faraó Manés, por volta de 3200 a.C., fazendo a unificação dos dois reinos do Egito.

O mapa a seguir mostra como era feita essa divisão entre o Delta e o Vale:

Figura 2 - Mapa da divisão entre o Delta e o Vale do Nilo.



No que diz respeito ao Antigo Império do Egito por volta de 2575 – 2130 a.C., o Egito teve além do desenvolvimento tecnológico, artístico e arquitetônico o desenvolvimento na escrita hieroglífica. (MARRIOT, 2015).

Segundo Ferreira (2011) o povo egípcio por volta de 2000 a.C. fez no Sinai as suas primeiras incursões para a conquista de minas e pedras preciosas.

O Médio Império é caracterizado como uma fase posterior a um período de secas extremas, fome e colapso do governo central. Sendo assim o Médio Império é o período de estabilidade que ocorreu por volta de 1938 – 1630 a.C. (MARRIOT, 2015).

Já o Novo Império apresenta novas características tanto no que diz respeito aos aspectos políticos e militares, pois o Egito passa a adotar o expansionismo como forma de proteção, justamente com o discurso da prevenção de novas guerras (PINSKY, 2011).

Contudo, o Egito entrou em declínio e foi se dividindo em pequenos reinos após a morte de Ramsés III por volta de 1070 a. C. Com isso veio a conquista dos cuchitas em 719 a.C. sobre os egípcios, sendo mais tarde vindo o poder dos assírios, em 656 a.C., sendo seguido pela conquista persa, em 525 a.C., até o poder romano no ano 30 a.C. (MARRIOT, 2015).

### 2.2.2 Civilizações povos e impérios da Mesopotâmia.

A Mesopotâmia foi habitada por alguns povos, dentre eles os sumérios, que criaram a escrita cuneiforme; os acádios; os amoritas que criaram o I Império Babilônico e o Código de Hamurabi (século XVIII); os assírios que conquistaram vários povos; e os caldeus que criaram o II Império Babilônico que colocou o povo hebreu no cativeiro. Contudo, na região também continha as famosas Cidades-Estados. (FERREIRA, 2011)

No que se trata sobre algumas cidades da região mesopotâmia, Pinsky (2011) fazendo algumas referências sobre os estudos de historiadores como Paul Garelli, relata uma lista feita por estes historiadores, onde mostra mais ou menos um período entre 2700 a 2100 a.C., que possibilita analisar alguns reis em um grande número de núcleos urbanos ao longo dos rios Tigre e Eufrates, já existentes neste período. Tal lista cita alguns reis em localidades como Lagash, Umma, Kish, Ur, Uruk, Akad, Gatum e Elam.

O mapa a seguir irá mostrar algumas das cidades aqui mencionadas e alguns impérios da região em que se situava a região da Mesopotâmia, entre os rios Tigre e Eufrates.

Figura 3 - Mapa da região da Mesopotâmia



Fonte: Mesopotâmia, 2020

### 2.2.2.1 Império Hitita

O Império Hitita tem como característica muito importante, o fato de ser um império muito grande e consagrando sua maior expansão entre os anos de 1450 e 1200 a.C., tendo uma importância tão relevante a ponto de rivalizar com outros impérios conhecidos como os babilônicos, assírios e egípcios (MARRIOT, 2015)

Segundo Marriot (2015) por volta do terceiro milênio antes de cristo os hititas se lançaram rumo a Ásia menor. Mais tarde por volta do segundo milênio, houve a unificação dos estados hititas para a consolidação de um império. Contudo, em 1650 – 1620 a.C. o rei Hitita Hattusili I inicia a invasão na Síria. Sendo assim, mais tarde aquele que iria o suceder chamado de Mursili I, saquearia a Babilônia. Entretanto, para que tudo isso pudesse ter acontecido, foi preciso que os Estados hititas tivessem que passar por um processo de unificação.

Cardoso (1982) ajuda a entender como era que a família real usufruía das atribuições de poder tais como as funções estatais e os altos comandos militares. Deste modo, ele apresenta a presença de um conselho chamado de “Pankush”, que seria o assessor do grande rei que tinha a unção de um alto tribunal podendo assim julgar o próprio monarca.

Contudo, o povo hitita teve um império realmente grande, sendo que por volta de 1380 a. C. foi capaz englobar quase até a Canaã no reinado de Suppiluliuma. Entretanto, é importante destacar a guerra sobre a supremacia na Síria entre o rei hitita Muwatalli e o faraó egípcio Ramés II em 1300 a.C. Por fim, o encerramento do poder hitita veio após uma invasão misteriosa dos povos do Mar Egeu no ano de 1193 a.C. (MARRIOT,2015).

### 2.2.2.2 Império Assírio

O Império Assírio teve início no século XIV a.C. constituindo sua grandeza ao norte da Mesopotâmia. No que se refere ao expansionismo do Império Assírio veio no ano de 671 a.C., contando assim com um domínio que caminhou a sua expansão em direção ao Egito (MESOPOTÂMIA, 2020).

Os assírios constituíram um império logo após a sua separação da Babilônia, criando assim sua independência no Norte da Mesopotâmia na cidade de Assur. No entanto, é possível notar uma característica muito importante dos assírios, sendo a questão linguística ser muito parecida com a dos babilônicos, a ponto de dizer que são idiomas quase idênticos. Contudo, outro aspecto do povo assírio é a questão da sua evolução tecnológica no que diz respeito a

inovação armamentista, visto que tal inovação veio através de equipamentos para cerco e como um dos primeiros povos a usarem cavalos para a cavalaria (MARRIOT,2015).

Ferreira (2011) destaca o militarismo dos assírios marcado de tal forma pela brutalidade ao longo do tempo imposta. Entretanto, a maneira com que eles tratavam aqueles que ameaçavam o seu domínio ficou marcado pelo esfolamento vivo nas pedras, cortes nas orelhas como também narizes e genitálias.

Portanto, no que diz respeito ao fim deste império, veio a cair 612 a.C. pelo povo dos medos. Dado este momento histórico a Assíria foi governada pela Babilônia e depois pelo Império Persa (MARRIOT,2015).

### 2.2.2.3 Império Persa

No ano de 550 a. C., teve na Pérsia a formação de um império muito forte que se caracterizou por duzentos anos, de forma que este império abrangia áreas no sul asiático, sul europeu e no norte da África (PÉRSIA, 2020).

O Império Persa encontra-se em meados do século VI a.C. com Cirro II afrente do Império. Cirro II, no entanto, segundo os relatos históricos, se aproveita de uma desestabilização interna dos medos para incutir o poderio dos persas sobre os medos. (VENACIO; VIEIRA 2015).

Sobre um aspecto bem intrigante de Cirro II, Steinmann (1976) fala sobre o respeito de Cirro II em relação os povos que eram vencidos por ele. Um dos aspectos marcantes é a questão da política de anexação, que segundo ele contrasta com a crueldade de outros impérios como os das conquistas assírias e dos babilônicos.

Ao longo do tempo o Império Persa teve a presença de alguns reis. Dentre eles está o rei Dario I realizou grandes feitos, fazendo o Império Persa se estender para a Macedônia, Trácia e parte da Índia. Contudo, houve um período muito conturbado para este rei, pois estava muito difícil administrar algumas rebeliões que estavam acontecendo. entretanto logo após a morte de Dario I, Xerxes toma o poder em 486 a.C. dando início na guerra com os gregos, sendo que mais tarde o império da Pérsia de Dario III viria a ser derrotado pelo poder macedônico de Alexandre o III no ano de 331 a.C. (FERREIRA, 2011).

#### 2.2.2.4 Império Babilônico

Em 1900 a.C. o povo conhecido como Amorita passou a conquistar toda a parte da Mesopotâmia, foi então que neste período em que a cidade babilônica passou a ter uma grande importância a ponto de ser muito reconhecida, dando até nome para a região que passou a ser conhecida pelo nome da cidade, Babilônia (MESOPOTÂMIA, 2020).

No que se refere aos reis da Babilônia, um que se destaca bem é o conhecido Hamurabi que teve o seu auge entre 1795 – 1750 a.C. Hammurabi ficou famoso por implementar o primeiro conjunto de leis do mundo, sendo que este conjunto de lei leva o próprio nome do rei, de modo a ser conhecido como o Código de Hammurabi (MARRIOT, 2015).

Pinsky (2011) retrata o Código de Hammurabi em vários aspectos, porém o que chama a atenção já naquela época é a questão sobre uma lei que falava sobre as mulheres, em que salvaguardava alguns direitos a elas. Entretanto, pode-se encontrar no código o direito de a mulher obter independência de seu marido para administrar o dote recebido pelo pai, como também o direito de obter cargos públicos. No entanto, o código também salvaguardava alguns direitos aos homens possibilitando os maridos castigar suas esposas no caso de infidelidade.

Foi então após a morte de Hamurabi que a partir de 1595 a.C. os hititas dominaram a região da Babilônia, iniciando assim a queda do primeiro Império Babilônico, que mais tarde passou pelos poderes dos cassitas durante um período de 400 anos, como também dos assírios entre os séculos IX e VII a.C. (MARRIOT, 2015).

O período do segundo império da Babilônia foi caracterizado pelo rei Nabucodonosor II, que ficou bem conhecido na história por colocar o povo hebreu no período do cativeiro da Babilônia (FERREIRA, 2011).

Portanto, o Império Babilônico sobre o comando de Nabucodonosor II foi governado entre 604 até 562 a.C. concretizando várias conquistas sobre os assírios e a região da Palestina. A partir do ano de 539 a.C. o Império Babilônico veio ao fim com o a invasão realizada pelo poder Persa de Ciro, o Grande (MARRIOT, 2015).

#### 2.2.2.5 Povo Hebreu

O povo hebreu apresenta um início que pode ser observado a partir das primeiras cidades. A história de Abraão no livro de Gênesis tem início na cidade de Ur a mais de 1800.a.C. Este livro mostra o início de uma aliança do povo bíblico com o seu Deus quando ele pede para Abraão sair desta terra e ir para uma terra que ele teria prometido. Abraão mais tarde seria avô

de Jacó que no futuro consolidaria as doze tribos de Israel geradas pelos seus doze filhos (GAARDER, et al 2001).

No entanto, um ponto muito importante é mencionar o rumo que as doze tribos tomariam. Sendo assim a história de José, uma narrativa bíblica, ajuda entender como os Israelitas foram parar no Egito (GAARDER, et al 2001).

É no contexto de escravidão do povo israelita sobre o poder egípcio que por volta do século XIV a.C. nasce a figura de Moisés, que segundo a cultura judaica relata que ele nasceu num cenário em que o Faraó tivera ordenado matar todos os bebês hebreus recém-nascido do sexo masculino (MOISÉS, 2020).

Moisés é o responsável por vários feitos, dentre eles está a libertação do povo israelita contra o poder egípcio, a apresentação das leis e dos dez mandamentos para o povo de Israel no monte Sinai e por último a conquista da terra prometida de Canaã por volta de 1200 a.C. (GAARDER, et al 2001).

Segundo Marriot (2015) o povo hebreu é caracterizado como um povo nômade semita, que habitaram nas terras de Canaã no segundo milênio a.C. e que tinham como um de seus povos inimigos os filisteus.

Sobre o reinado de Salomão filho do rei Davi, houve a separação entre o povo Israelita. De maneira que em Samaria a capital do reino de Israel com composto por 10 tribos ao norte e o reino de Judá composto por duas Tribos ao sul, tendo a sua capital em Jerusalém (FERREIRA, 2011).

Foi a partir desta separação dos dois reinos que fez com que ambos ficassem mais vulneráveis. Sendo assim no ano de 722 a.C. o reino dos assírios devastou o reino do norte, onde fez com que este reino deixasse de ter significado político ou religioso. Mais tarde no reino do sul, a invasão tem seu início em 587 a.C. onde um dos pontos marcantes é o fato da deportação do povo Judeu para o Império Babilônico. (GAARDER, et al 2001).

Contudo, em 538 a.C. que o Império Persa toma o império da Babilônia e dá início para que os judeus voltem para Jerusalém. Porém isso durou o tempo suficiente para que o povo judeu em 333 a.C. fosse novamente tomado por forças estrangeiras, sendo primeiro por Alexandre o Grande para depois ser passado por outros governos como o Império Romano (MARRIOT, 2015).

### 3 O POVO HEBREU: ENTRE A HISTÓRIA E A BÍBLIA

Antes de mais nada, é muito importante deixar claro que esta pesquisa utilizará como documento de estudo ao longo do que será apresentado, a versão da Bíblia traduzida em português por João Ferreira de Almeida.

Neste capítulo será abordado os acontecimentos caracterizados como importantes até o Cativo babilônico, não com o intuito de comprovar tais relatos bíblico, mas sim em apresentar como a Bíblia menciona a trajetória deste povo. Com isso a seção 3.1 irá mostrar as tratativas sobre a origem do povo hebreu e sua peregrinação no deserto. Na seção 3.2 será apresentado como foi constituído o reino de Israel e de que maneira o reino foi parar sobre a opressão de outros impérios. Por fim, a última seção 3.3 mostra os pontos importantes do que foi o cativo babilônico como também um esboço do pensamento judaico-cristão sobre tal evento.

Contudo, lembrando que os livros da Bíblia não estão separados em ordem cronológica dos acontecimentos. Então será seguido um método que permite obter uma linha de raciocínio que não necessariamente englobe todos os livros, somente aqueles que têm relação direta nos acontecimentos da construção do povo judeu até o período do cativo da Babilônia. Alguns livros como Salmos, Cânticos, Provérbios dentre outros, não irão interferir para a conclusão do objetivo final.

Portanto, é importante ressaltar que as análises a serem feitas, serão de acordo com a Bíblia evangélica em sua formação e organização, sem os livros considerados apócrifos que estão na versão da Bíblia Católica. Entretanto, as histórias bíblicas que aqui serão apresentadas irão se ater na parte dos livros do antigo testamento, que podem ser organizados em 5 grupos de livros. O primeiro corresponde aos livros da lei chamados de Pentateuco ou Torá, neste grupo estão os livros de Gênesis, Êxodo, Levíticos, Números e Deuteronômio. O segundo grupo são os livros históricos de Josué, Juízes, Rute, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, 1 e 2 Crônicas, Esdras, Neemias e Ester. O terceiro pelos livros poéticos chamados de Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares. O quarto pelo grupo dos livros dos profetas maiores, sendo os livros chamados de Isaías, Jeremias, Lamentações, Ezequiel e Daniel. E por último o quinto grupo pelos livros dos profetas menores de Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias (CARVALHO, 2020).

### 3.1 PENTATEUCO (DE GENESIS A DEUTERONOMIO)

#### 3.1.1 De Abraão a José (Gênesis)

O livro de Gênesis (1999) tem como objetivo mostrar a origem do povo hebreu. Dentre os pioneiros está Adão sendo visto como o primeiro Homem da terra segundo a cultura judaica; Noé a figura mais reconhecida depois de Adão; Abraão que inicia uma série de acontecimentos que estão presentes na cultura judaica até hoje; Jacó que é uma figura muito importante para a constituição do reino de Israel; e por fim, Moisés aquele que seria o autor do livro do Gênesis (1999).

Entre as figuras mais marcantes de toda cultura Judaica, está o patriarca Abraão, que segundo a Bíblia e os relatos de Joséfo (2004)<sup>1</sup> em sua obra “História dos Hebreus”, ele era um semita<sup>2</sup> e um dos pioneiros na pregação do monoteísmo dos hebreus, tendo sua origem em uma cidade chamada Ur dos caldeus.

Até então não se tinha algum indício de que comprovasse a existência tanto da cidade de Ur como também algo que comprovasse que houve algum Abraão dessa tal cidade. Porém, Silva (2008) em sua obra “Escavando a verdade”, faz menção ao descobrimento da cidade de Ur dos caldeus sobre um achado arqueológico de Leonard Wooley, de maneira que a cidade fora escavada entre 1922 a 1934. Tal achado foi possível datar a existência desta cidade já no terceiro milênio a.C., sendo também conveniente citar aqui alguns achados em tablets cuneiformes e registros, a presença dos nomes de Abraão e Sara, como sendo nomes comuns utilizados naquela época e cidade. Embora isso não comprove a existência dos dois personagens bíblicos, pode-se presumir no mínimo que o autor do Gênesis tenha se atentado à detalhes importantes.

Este personagem é realmente um divisor de águas e o pioneiro de toda a história que envolve a terra prometida. O livro de Gênesis (1999) no capítulo 12 apresenta o Deus de Abraão lhe fazendo uma promessa de que ele teria uma grande descendência, prosperidade e que daria a ele uma terra. Terra esta que se chamava Canaã, que é relatada no mesmo capítulo, onde já é discutido que o Deus de Abraão já teria dado ele. Segundo Packer, et al (1988) no livro “O

---

<sup>1</sup> Flavio Joséfo é um judeu que vivia nos tempos do antigo Império Romano por volta de 35 d.C. a 100 d.C. Ele era uma das fontes históricas do primeiro século d.C. que fora da Bíblia escreveu sobre a história do povo judeu até o seu tempo.

<sup>2</sup> Linhagem antes de Abraão, descendentes de Sem em Gênesis (1999): 11.10-32 e em 1 Crônicas (1999): 1. 24-27.

mundo do antigo testamento”, os tempos de Abraão se passariam por volta do 2.000 A.C. na da Suméria onde Ur seria a capital na época.

Ainda em Gênesis (1999) no capítulo 12, podemos ver a primeira relação entre o povo bíblico e o Egito. Esta relação aconteceu pelo fato de Abraão e toda sua família encontravam-se em um período de fome, motivo esse que fez Abraão ir em busca de abrigo e alimento nas terras egípcias. A Bíblia narra que Abraão teve alguns receios ao pedir abrigo para o Faraó, pois Sara que era sua irmã e sua esposa era muito bonita e isso poderia fazer com que o Faraó matasse Abraão para tomar Sara como esposa. Então Abraão mentiu e disse que Sara era somente sua irmã, fazendo isso resultar no Faraó tomar Sara como esposa. Após este acontecimento veio um período de pragas no Egito no mesmo passo que a informação de que Sara não era somente irmã de Abraão chegou ao Faraó, que julgou ser o aparecimento as pragas o motivo da mentira de Abraão. Tendo esta conclusão, Faraó manda embora do Egito Abraão e Sara. Contudo, o período que Abraão teve no Egito foi o bastante para ele obter riquezas sendo que no próximo capítulo (13), Abraão já é relatado como sendo um homem muito rico e possuidor de muitas terras. Terras estas que ele dividiu com Ló, seu sobrinho o qual considerava como se fosse seu filho.

Segundo Schultz (1976) em sua obra “Habla el antigo testamento” Abraão estava longe de ser um nômade que andasse sem um destino, pois as referências bíblicas indicam que ele era um homem com muitos interesses mercantis, sendo até comparado por líderes palestinos como um príncipe capaz de fazer alianças e concluir tratados.

Em resumo, segundo as tradições judaicas e o livro do Gênesis (1999), o Deus de Abraão concede a ele uma grande descendência. Os capítulos que discorrem sobre estas descendências estão nos Capítulos 16 relacionado ao primeiro filho de Abraão com sua escrava Agar, Ismael; 15 sobre o filho da promessa de Abraão com Sara, Isaque; e 25 quando mostra a descendência de Abraão com Quetura sua segunda esposa.<sup>3</sup>

Portanto, a história continua com Isaque sendo o filho da promessa que ganharia toda a herança que Abraão teria deixado. Porém, os outros filhos de Abraão assim como Ismael os que descenderiam dos árabes teriam recebidos presentes assim que partiram da terra de Canaã (Schultz, 1976).

---

<sup>3</sup> Ver também 1 Crônicas (1999): 1.28-33 dos que descendem da linhagem de Ismael primeiro filho de Abraão e os de Quetura segunda esposa de Abraão. Dentro desta linhagem será encontrado povos como os da linhagem de Midiã, que mais tarde na história se tornaria uma cidade que abrigou Moises em sua fuga, Êxodo (1999): 2. 15-16, como também os midianitas que entraram em guerra com o povo de Israel, Números (1999): 31.1-12.

Na linhagem de Isaque podemos analisar que Abraão em Gênesis (1999): 24, se preocupa com um aspecto importante para o mantimento das suas tradições. O capítulo discorre todo o processo que levou a escolha de uma esposa para o seu filho prometido, sendo que teria que ser uma mulher de seu povo. A esposa de Isaque seria então Rebeca, que mais tarde daria à luz a gêmeos, Gênesis (1999): 25. 19-34, sendo os nomes destes Esaú e Jacó.

Isaque então desfrutou de algo que seu pai teria conquistado pelo fato de ser um homem muito bem influente, pois segundo Joséfo (2004) em um determinado momento da história de Isaque, ele pensou em ir ao Egito para acabar com o problema da crise de seu povo, porém o seu Deus o ordenou que fosse para a terra dos filisteus onde teria a proteção de um príncipe chamado Abimeleque que conhecia seu pai. Os filisteus então tinham inveja da prosperidade que Isaque tinha adquirido naquela terra.<sup>4</sup>

Os relatos que se referem a história de Esaú e Jacó datam aproximadamente do ano de 1850 a.C. Jacó então seria o filho que enganaria seu pai Isaque e seu irmão Esaú para conseguir o direito da primogenitura.<sup>5</sup> Mais tarde, por causa da ira de seu irmão, Jacó foge para a casa de seu avô Betuel em Padã-Arã na mesopotâmia, que a conselho de seus pais ele não poderia tomar para si uma mulher de origem estrangeira, sendo que deveria desposar uma das filhas de seu tio Labão<sup>6</sup>. Portanto, os acontecimentos da fuga de Jacó acabam revelando em Betel o lugar que mais tarde também concretizaria em sua história que ele seria o escolhido por Deus para dar continuidade da promessa feita para o seu avô, Abraão<sup>7</sup> (PACKER et al, 1988) (JOSEFO, 2004).

O desenrolar da história acaba concluindo que Jacó se casa com as duas filhas de seu tio Labão, Lia e Raquel, que embora por diversas vezes fora enganado pelo seu tio, ele mais tarde acaba enriquecendo e traça novamente outra fuga de voltar para a terra de seus pais. Ao chegar lá, encontra seu irmão que agora não estava mais irado com ele. Jacó então vai para as terras de Canaã em Siquém e depois em Betel, onde habitou e levantou um altar<sup>8</sup> (JOSEFO, 2004).

Como todo o enredo do Gênesis (1999), também mostra a linhagem de Jacó. O ponto mais interessante está justamente que os descendentes dele agora seriam chamados de os filhos de Israel. Tal ponto é explicado no livro, em Gêneses (1999) 32. 22-32, em que mostra o motivo

---

<sup>4</sup> Ver também Gênesis (1999): 26.

<sup>5</sup> Ver também Gênesis (1999): 25. 27-34 e Gênesis (1999): 27.

<sup>6</sup> Ver também Gênesis (1999): 28.1-9.

<sup>7</sup> Ver também Gênesis (1999): 28.18-22.

<sup>8</sup> Ver também Gênesis (1999): 29.1-30, 30.27-42, 31.1-21, 32.3-31, 35.1-15

através da história de uma luta incessante de Jacó em busca de uma benção com o seu próprio Deus. O significado do nome é justamente aquele que luta com o seu Deus. Mais tarde no capítulo 35. 9-10, também é reforçado a ideia da mudança do nome de Jacó. Contudo, sobre os descendentes do então do agora chamado “Israel” podem ser mostradas nos capítulos 29. 31-35, 35. 23-29 e nos livros de Êxodo (1999): 1.2-4 e 1 Crônicas (1999): 2. 1-2.

A história tem continuidade com os filhos de Israel, entrando numa contenda entre os 10 primeiros irmãos contra o 11º, chamado José. Esta contenda acontece pelo fato de que Jacó teria um apreço maior por José, o tornando o seu filho favorito. Foi então que os irmãos de José decidem vender o próprio irmão como escravo para os midianitas, estes venderiam José para o egípcio Potifar, um oficial do faraó naquele tempo<sup>9</sup> (SCHULTZ, 1976).

Segundo Schultz (1976) o nome de Potifar demonstra cada vez mais que as experiências de José no Egito têm demonstrado serem autênticas pelo fato de ter muitos detalhes, que dentre eles está o próprio nome egípcio e título que Potifar teria, como o “capitão da guarda”. Contudo, Silva (2008) também traz a luz da arqueologia através de um papiro encontrado perto de Luxor e que hoje está no Museu da Universidade de Brooklyn, comprovando ser comum a presença de semitas em cargos de empregados domésticos no antigo Egito, onde Donald Wiseman viu a presença de quarenta e cinco nomes da região da sírio-palestina, sendo que seria muito provável também que estas pessoas tivessem sido vendidas como escravos.

Em resumo a história da vida de José se estabeleceu pelo fato dele apresentar um dom de ter visões e saber decifrá-las, motivo esse que provocou a inveja dos seus irmãos. No Egito experimentou trabalhar na casa de Potifar, depois foi parar na prisão onde novamente ele usaria seus dons para decifrar os sonhos de dois presos que trabalharam da casa do Faraó.<sup>10</sup> Foi então que um dos presos falou do dom de José para o Faraó, o qual pediria para decifrar o seu sonho. É então com a revelação do sonho, de que o Egito passaria por alguns anos de fartura e outros por um período de fome, que José viria conseguir chegar ao segundo posto de comando, abaixo do Faraó.<sup>11</sup> (PACKER et al, 1988) (JOSEFO, 2004).

O que para muitos parece muito irreal é de algum dia ter havido alguém de origem semita, assim como José, conseguir cargo tão elevado no antigo Egito. Porém, segundo Silva (2008) menciona em seu livro uma expedição arqueológica que houve na cidade de Saqqra no Egito, onde acharam a tumba de um ex-primeiro-ministro cujo nome era Apael, de origem

---

<sup>9</sup> Ver também Gênesis (1999): 37.

<sup>10</sup> Ver também Gênesis (1999): 40.

<sup>11</sup> Ver também Gênesis (1999): 41.

semita, como também outros achados nas cartas de Tel-el-Amarna os nomes de Dudu um cananeu e Yanhamu mencionado como um tipo de administrador do Faraó.

Entretanto, a história de José termina com os seus irmãos indo ao Egito em busca de comida pois estavam estes em tempos de muita fome, o mesmo tempo que José já teria alertado o Faraó.<sup>12</sup> A presença dos seus irmãos ao Egito concluiu em seus irmãos voltarem para as terras de Canaã e desmentir a morte de José para Jacó, que sabendo da notícia foi para o Egito com toda a sua casa, viver nas terras de Raemssés. sendo que mais tarde o povo de Israel seria muito grande nas terras do Egito e por causa da fome deram tudo ao faraó até se entregarem como escravos em Gósen em troca de alimento.<sup>13</sup> (JOSEFO, 2004).

Contudo, um esclarecimento precisa ser feito para que se possa obter um melhor entendimento sobre os filhos de Jacó que mais tarde dariam origem as tribos de Israel. Estas tribos se caracterizam por serem formadas pelos filhos diretos de Jacó, porém o esclarecimento a ser feito está justamente nas tribos de Efraim e Manassés, que na verdade são os dois netos de Jacó. Estas tribos foram inseridas pelo fato de que Jacó demonstrava um carinho enorme por seu filho José, pai de Efraim e Manassés. É então que em Gênesis (1999): 48. 11-22, Jacó por então querer demonstrar uma forma de carinho para o seu filho, toma para si seus dois netos como filhos e os abençoa para que eles tenham uma grande geração. Pode-se até mesmo supor que essa teria sido a maneira que Jacó encontrou para dar uma herança para o seu filho, visto que José já possuía muitas riquezas no Egito.

### **3.1.2 De Moisés a peregrinação do povo no deserto (Êxodo, Números, Levíticos e Deuteronômio)**

O livro do Êxodo (1999) agora se passa por muitos anos após José. Logo em seu primeiro capítulo o autor do livro narra que após muitos anos depois das 12 tribos de Israel se estabelecerem no Egito e terem se multiplicado em grande número de população, levantou-se um novo Faraó que não conhecia a fama de José, ele temia que os hebreus tentassem o derrubar o seu governo.

Segundo Silva (2008) o período em que pode ter ocorrido toda a história de José estaria junto com a ocupação dos hicsos, um grupo asiático que por volta de 1640 a 1570 a.C. obtiveram grande influência no Antigo Egito. Essa influência foi tão grande que chegou até

---

<sup>12</sup> Ver também Gênesis (1999): 42, 43

<sup>13</sup> Ver também Gênesis (1999): 46, 47.11-12, 47. 19-20, 47. 24-25.

mesmo ter no Egito faraós de origem puramente semita vinculada aos hicsos, como também foi designada duas dinastias somente para esse povo, a 15ª e a 16ª. Contudo, o autor ainda ressalta sendo bem provável que José obteve seu ofício no final da 14ª assim que os hicsos começaram a sua dominação. Por fim, essa dinastia foi encerrada no período do governo de Ahmose I, sendo este de linhagem pura egípcia. Tomou medidas muito duras para com todos os povos estrangeiros de origem semita. Visto que assim como os hicsos os hebreus eram desta mesma origem, embora não fossem o mesmo povo, presumasse que também arcaram com as consequências do governo.

Foi então que por volta de 1526 à 1406 a.C. a história de Moisés é apresentada, cujo o nome bíblico para alguns comentaristas pode ter relação com a junção de duas palavras egípcias que significam “água” (mo) e “tirar” (shi), dado pelo fato da filha do faraó ter tirado ele de um cesto das águas do rio Nilo, após o faraó ter mandado matar todos os bebês do sexo masculino de origem hebraica<sup>14</sup> (PACKER et al, 1988).

Moisés então é criado como um egípcio e a história dele a partir de então se destacada pelos acontecimentos que fizeram este personagem ter feito o Faraó se irar com ela após matar um outro egípcio, dando início a sua fuga em Midiã.<sup>15</sup> É então longe do Egito que Moisés recebe o chamado de seu Deus para libertar o seu povo da escravidão.<sup>16</sup> Por fim, a história de Moisés e as tribos de Israel se resume em diversas vezes em Moisés ter ido falar com o novo faraó, para que assim pudesse deixar o seu povo ir embora das terras egípcias. A conclusão destas conversas veio através das dez pragas jogadas ao Egito como um aviso divino para que deixasse o povo ir embora. Isso só aconteceu quando segundo os relatos bíblicos a 10ª praga foi jogada em tempo de celebração da páscoa, resultando na morte de primogênitos incluindo a do filho do faraó que resolveu deixar o povo seguir, mas que mais tarde voltaria atrás e traçaria a morte de vários de seus oficiais na captura da travessia do mar vermelho<sup>17</sup> (JOSEFO, 2004).

Portanto, segundo as anotações feitas em Êxodo (1999):12 sobre “a saída dos israelitas do Egito” o versículo 40 data o tempo de habitação dos israelitas no Egito como sendo de “quatrocentos e trinta anos”. Segundo Silva (2008) há uma incógnita ainda sobre a datação provável do êxodo, porém muitos historiadores acham muito provável ter ocorrido por volta de 1292-1225 a.C. pelo fato de ser mencionado no Êxodo (1999) uma cidade chamada Ramessés,

---

<sup>14</sup> Ver também Êxodo (1999): 2. 1-10.

<sup>15</sup> Ver também Êxodo (1999): 2. 11-22.

<sup>16</sup> Ver também Êxodo (1999): 3.

<sup>17</sup> Ver também Êxodo (1999): 4. 18-31, 5. 1-5, 6.28-30, 7. Dos capítulos referentes as pragas: 7, 8, 9, 10, 11, 12. E os que se trata sobre a perseguição de Faraó contra os hebreus, está no capítulo 14.

que poderia ser uma referência direta do Faraó Ramsés II que governou neste tempo durante a 19<sup>o</sup>, porém ele também cita outra possibilidade de ter sido em uma data mais anterior ainda desta apresentada, defendida pelo E.W. Faulstich sendo por volta de 1461 a.C.. Entretanto, o próprio autor acredita que o êxodo possa ter acontecido entre 1447 a.C. Por fim, a data do êxodo não é dada com concordância entre muito historiadores, pois os achados não demonstram um denominador comum entre eles, visto que os achados arqueológicos possibilitam diversas interpretações.

O livro do Êxodo (1999) agora irá se resumir na vida povo de Israel no deserto. É então neste contexto que questões muito difíceis para a trajetória do povo como os momentos de fome.<sup>18</sup> Porém, como agora o povo estava livre do Egito, foram preciso estabelecer questões de cunho civil, tais como as leis, instituição de um tabernáculo e a questão referente aos juízes do povo.<sup>19</sup> No entanto, o fato deles estarem indo novamente para uma nova terra foi o suficiente para o livro relatar o primeiro momento de guerra após a saída do Egito contra os amalequitas.<sup>20</sup> (JOSÉFO, 2004).

Entretanto, o livro do Êxodo (1999) por diante abre uma série de acontecimentos que se repetirão em inúmeras vezes nos livros de Levítico (1999), Números (1999) e Deuteronômio (1999). Estes três livros nada mais são a história do povo de Israel peregrinando por muitos anos no deserto.

A figura (4) apresenta a trajetória que o povo de Israel fez até chegar nas terras de Canaã:

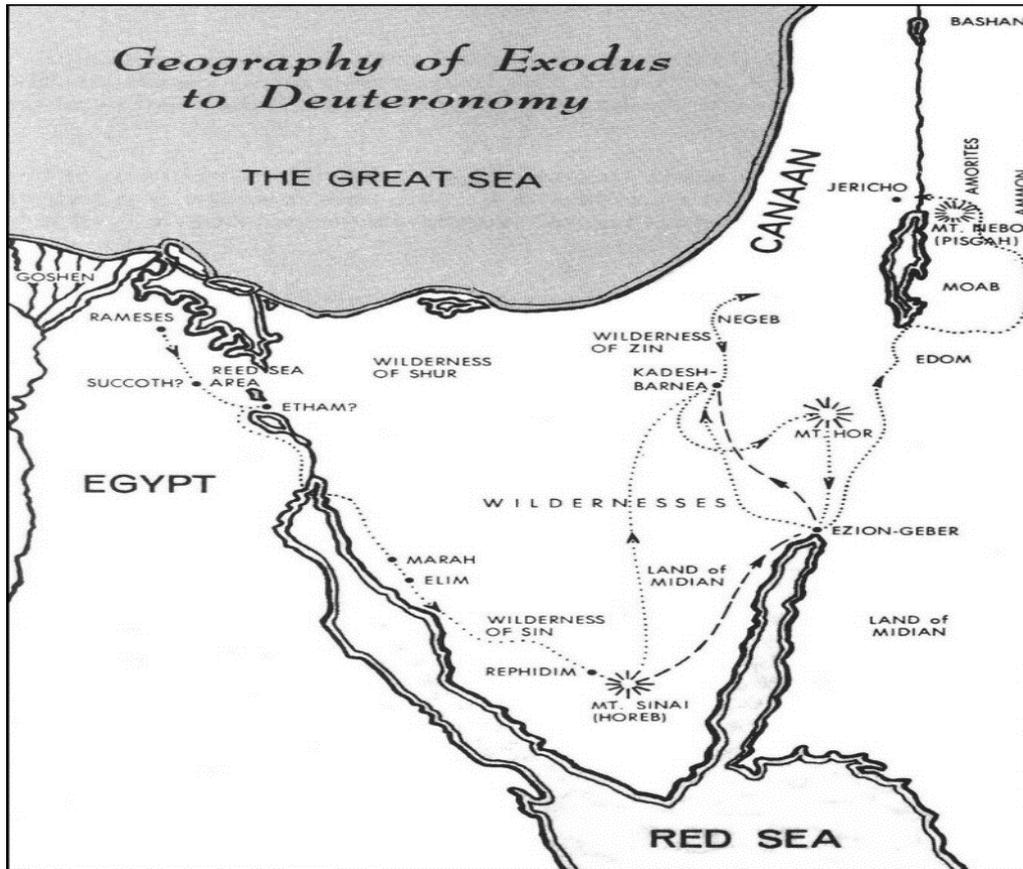
---

<sup>18</sup> Ver também Êxodo (1999): 16, 17.1-7.

<sup>19</sup> Ver também referente as leis em Êxodo (1999): 20, 21, 22, 34. Referente ao tabernáculo está em Êxodo (1999): 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 35.10-29, 36. 2-35, 37, 38, 39, 40. Por fim, referente aos juízes em Êxodo (1999): 23.6-9.

<sup>20</sup> Ver também em Êxodo (1999): 17. 8-16.

Figura 4 - Geografia do Êxodo ao Deuteronômio



Fonte: Resources, 2020.

O próximo livro de Moisés chamado Levítico (1999) ele se atém muito mais sobre as leis que o povo deveria seguir mais precisamente sobre as questões do tabernáculo, pois o nome do próprio livro tem relação com a tribo de Levi, justamente a tribo que cuidava das questões do tabernáculo. Da mesma forma Joséfo (2004) ao contar a história dos hebreus em sua obra, de acordo com as escrituras de sua época, ele relata o livro do Levítico (1999) como sendo primordial para o entendimento das coisas relacionadas aos sacrifícios. Portanto, ao mesmo passo se analisar o tempo em que viveu o autor essa era uma informação muito importante para o entendimento de toda a cultura judaica, como também fator crucial para o mantimento dela.

No entanto, ao passar para o próximo livro chamado de Números (1999), Joséfo (2004) resume a obra em três pontos chaves. O primeiro se atém sobre os acampamentos feitos durante a jornada para chegar nas terras de Canaã;<sup>21</sup> o segundo sobre o momento de revolta do povo querendo voltar para as terras do Egito, pelo fato de terem condições melhores de vida do que

<sup>21</sup> Ver também em Números (1999): 2, 33. 1-37 sobre os acampamentos desde o Egito

no deserto;<sup>22</sup> o terceiro e último ponto referente aos relatos sobre os espiões que passaram informações de outros povos que já estavam habitando as terras de Canaã.<sup>23</sup>

O livro de Deuteronômio (1999) é a conclusão da jornada do povo até Canaã, sendo que o livro se resume a coisas que já foram mostradas em outros livros anteriores a este desde o final do livro do Êxodo (1999). Em Deuteronômio (1999) também irá mostrar as guerras que o povo de Israel travou ao logo desse trajeto.<sup>24</sup> Contudo, o pentateuco termina com a morte de Moisés efetuando seu último discurso antes do povo chegar nas terras de Canaã. Neste momento, é também apresentado o novo líder de Israel chamado Josué, que vai dar nome ao próximo livro da Bíblia. Porém, o livro de Deuteronômio (1999) termina narrando a morte de Moisés sem ter entrado em Canaã<sup>25</sup> (JOSÉFO, 2004).

### 3.2 DE JOSUÉ ATÉ A CONSTITUIÇÃO E SEPARAÇÃO DE ISRAEL

Josué é o personagem bíblico que dá início há uma série de acontecimentos da tratativa da conquista das terras de Canaã aproximadamente nos anos de 1200 a.C. Ele então é o próximo líder que depois de Moisés irá guiar o povo durante as guerras para a conquista da terra prometida. São contadas muitas vitórias que acumulam 31 contra reis no novo território e uma derrota<sup>26</sup> (DIAS, 1993) (PACKER et al, 1988).

Entretanto, Almeida (2010) que faz uma introdução ao livro de Josué (1999), parte do pressuposto que a livro pode ser dividido em 3 partes, sendo a primeira designada do capítulo 1 ao capítulo 12 se tratando da conquista da terra; a segunda do capítulo 13 ao capítulo 22 sobre a defesa da terra; e por último na terceira parte referente aos capítulos 23 e 24, falará sobre o discurso de despedida de José.

Na próxima imagem na Figura (5) segue o mapa das terras conquistadas em Canã distribuídas em pontos de cidades nos tempos de Josué:

---

<sup>22</sup> Ver também em Números (1999): 14.

<sup>23</sup> Ver também em Números (1999): 13, 14, 33. 50-56.

<sup>24</sup> Ver também em Deuteronômio (1999): 1. 41-46, 2. 26-37, 3. 1-11.

<sup>25</sup> Ver também em Deuteronômio (1999): 31,32, 34.

<sup>26</sup> Ver também sobre a derrota em Josué (1999): 7 e sobre as vitórias em Josué (1999): 8, 10, 11, 12, 13.

Figura 5 - Mapa das conquistas de Canaã

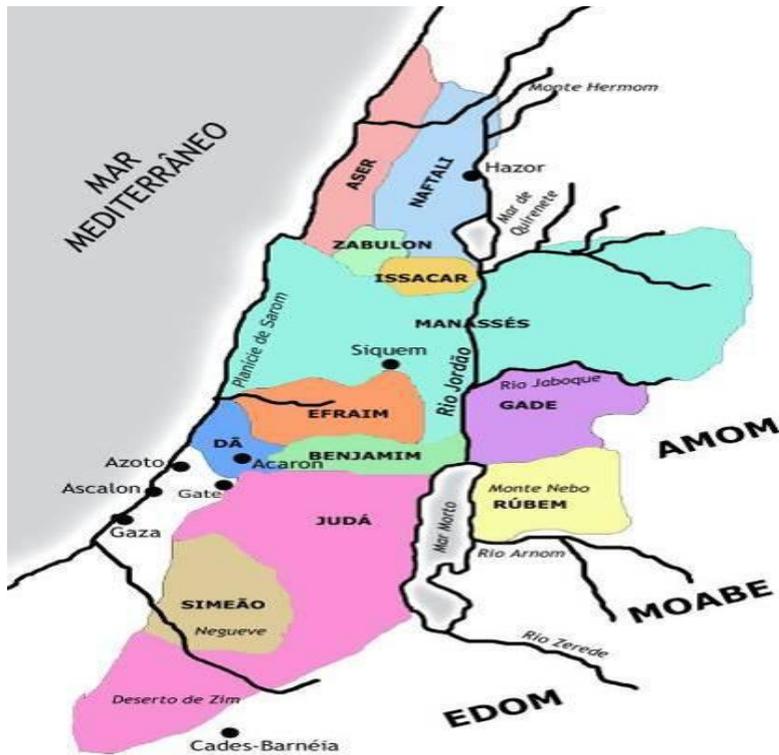


Fonte: Schultz, 1976.

Portanto, com as terras conquistadas houve o tempo em que precisou haver a segurança delas. Como já foi apresentado aqui anteriormente por Almeida (2010) os capítulos referentes a esta segurança serão designadas muitas vezes por heranças das tribos apresentadas mais precisamente nos capítulos 15 até o 22.

Na figura (6) será apresentada como o reino de Israel se constituiu em sua divisão territorial para cada tribo.

Figura 6 - Divisões Tribais



Fonte: Schultz, 1976.

A grande questão para que o povo viesse ficar em momentos ruins em inúmeras vezes, consta nos textos bíblicos que fora pela transgressão de alguma lei ou quebra de alguma aliança feita entre o povo e seu Deus. Essa questão engloba um ponto que influenciou a vida do próprio Josué, pois no mesmo momento que os relatos bíblicos em Deuteronômio (1999) 31. 16-23 falam sobre o cargo que agora ele sucederia após a morte de Moisés, também é discorrido sobre a futura quebra da aliança feita, sendo também mais tarde, mostrado a renovação dessa aliança em Josué (1999), no capítulo 24. A aliança se trata justamente no ponto crucial do monoteísmo, de não haver algum outro Deus se não o Deus de Israel.

Com a morte de Josué, a história continua agora em outro livro chamado Juízes (1999) que irá discorrer de vários eventos incluindo a apostasia de Israel com a inclusão de outros Deuses.<sup>27</sup> Este livro irá mostrar o povo de Israel totalmente perdido sem um líder igual ou semelhante como Moisés e Josué, sendo isso o suficiente para entrarem em guerra civil, como também fazer no caso de Abimeleque que mata seus irmãos para se declarar rei.<sup>28</sup> No entanto,

<sup>27</sup> Ver também em Josué (1999): 24 e em Juízes (1999): 2, 17, 18.

<sup>28</sup> Ver também sobre as civis em Juízes (1999): 9, 12, 29.

guerras com povos estrangeiros eram muito comuns principalmente com povos que já tinham guerreado anteriormente, tais como os midianitas, filisteus e amonitas.<sup>29</sup> (SCHULTZ, 1976).

Portanto, o livro de Juízes (1999) mostra algumas histórias dos juízes que governaram o povo durante todo esse período conturbado. Dentre eles estão Débora, Sansão, Ibsã, Elom Abdom e outros juízes que governaram sobre Israel.

### 3.2.1 Reis de Israel

A primeira vez que se encontra a expressão reino de Israel como um todo é no livro de 1 Samuel (1999), pelo fato de ser narrada o início da monarquia que é datada aproximadamente entre os séculos X e XI a.C. O livro tem como objetivo narrar a história do último juiz que governou Israel (Samuel) que elegeu um rei de acordo com a vontade divina e insistência do povo. Saul então seria o escolhido para ser rei do reino de Israel, ele guerreou contra os filisteus que havia por muito tempo oprimido as tribos de Israel. A grande questão trazida sobre estes dois povos, tem relação com o manuseio do ferro forjado. Essa foi uma questão da opressão que o próprio livro de 1 Samuel (1999) relata as tribos de Israel tendo que amolar até mesmo seus materiais de trabalho com o povo inimigo, pois não havia ferreiro em Israel e isso fazia com que aumentasse bastante o monopólio filisteu<sup>30</sup> (DIAS, 1993) (PACKER et al, 1988) (SCHULTZ, 1976).

No entanto, a narrativa sobre os primeiros reis de Israel no livro de 1 Samuel (1999) discorre sobre a queda de Saul e o início de uma relação de altos e baixos entre Saul e Davi, pois Davi seria o que estaria por substituir o rei Saul, embora Saul não soubesse que Samuel teria ungido Davi como o futuro rei ele procurou matar Davi por outros motivos. Portanto o profeta Samuel teria recebido orientações divinas que Saul não estava governando da maneira correta e que não seguia as orientações divinas. Será então neste contexto que o livro contará as histórias das guerras de Israel travadas contra alguns povos como os amalequitas, amonitas e os filisteus<sup>31</sup> (JOSÉFO, 2004) (PACKER et al, 1988).

A figura (7) demonstrará como e onde estes povos que pelejaram contra Israel se encontravam no mapa:

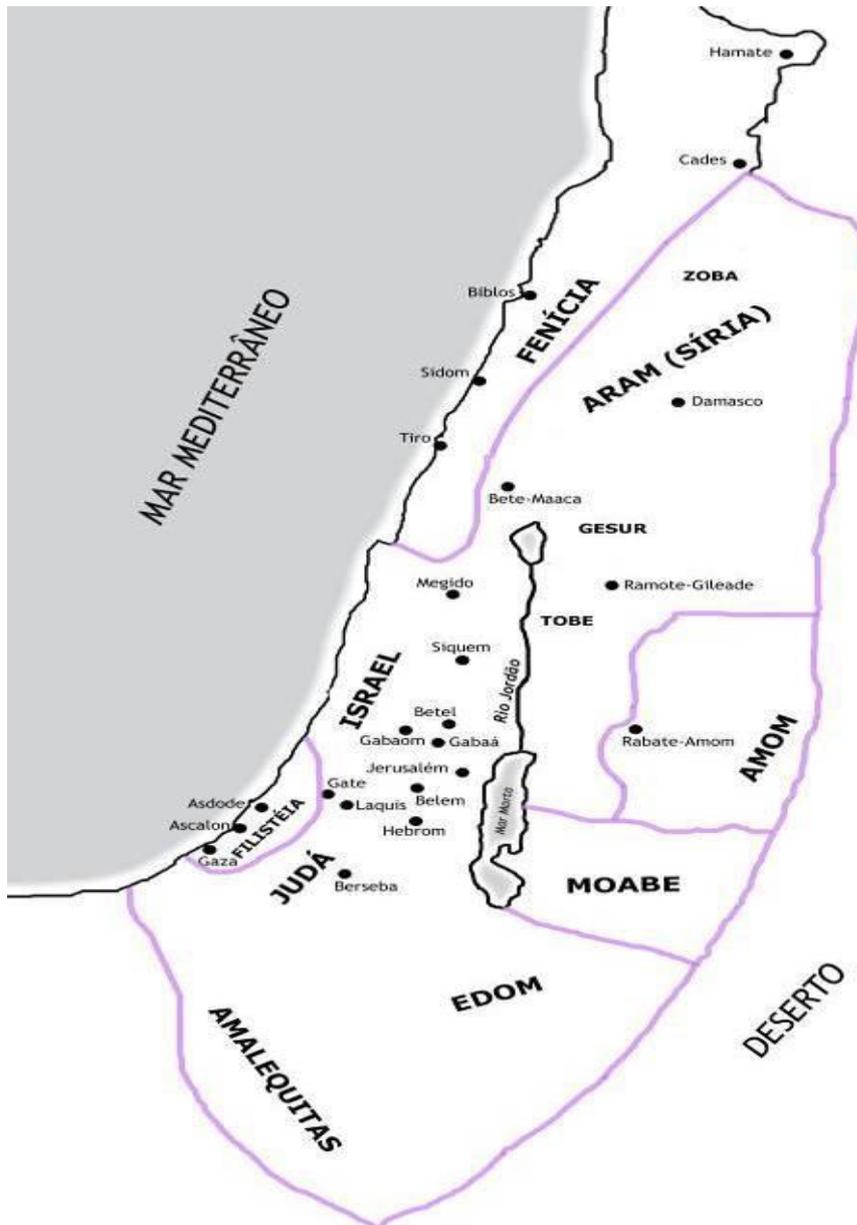
---

<sup>29</sup> Ver também em Juízes (1999): 4. 4-16, 6, 7, 8, 15, 16.

<sup>30</sup> Ver também em 1 Samuel (1999): 4, 8, 9, 10, 13.

<sup>31</sup> Ver também em 1 Samuel (1999): 11. 12-15, 13, 14. 47-52, 15, 16. 11-13, 17. 41-58, 23. 26-29, 26, 31.

Figura 7 - Mapa dos tempos de 2 Samuel e 1 Crônicas.



Fonte: Schultz, 1976.

O segundo livro de 2 Samuel (1999) começa com a notícia de que Saul teria morrido na guerra contra os filisteus, sendo que logo após isso Davi já é dado como o rei dos judeus e mais tarde se torna rei de toda Israel. Davi então era o rei que o povo procurava, pois tinha as habilidades necessárias para se governar, tais como habilidade militar, sagacidade política como também um ótimo senso sobre os deveres religiosos. Davi então foi capaz de fazer com que o reino ficasse de uma forma unida através destes preceitos (PACKER et al, 1988).

Os próximos eventos serão relatados após a morte de Davi que agora teria deixado o seu reino nas mãos de seu filho Salomão. As narrativas de Salomão se estendem desde o livro de I Reis (1999) como também são encontradas histórias nos livros de 1 Crônicas (1999) e 2

Crônicas (1999), assim como as histórias de Davi são também apresentadas nestes dois últimos livros.

A história de Salomão se destaca por ser um rei muito sábio e alguém que herdou um pouco da habilidade política que seu pai tinha.<sup>32</sup> Ele foi conhecido por ser um homem com a habilidade muito grande de fazer negócios e efetuar tratados, isto fez com que ele se casasse com muitas mulheres de outros reinos para que tivesse êxito nos negócios, como também usufruiu da oportunidade dos recursos naturais do cobre da região.<sup>33</sup> Muitas mulheres que Salomão se casou acabaram fazendo com que ele também entrasse no paganismo, misturando muitos Deuses de outros lugares e saindo da ideia do monoteísmo de Israel.<sup>34</sup> Porém, algo muito importante relatado na história dele, foi pela questão de ter construído o templo de Jerusalém<sup>35</sup> (PACKER et al, 1988) (SCHULTZ, 1976).

Portanto, com a morte de Salomão o reino de Israel que antes era unido agora viria a se separar. Ao tomar posse da herança que Salomão teria deixado, Roboão (filho de Salomão) vai contra os conselhos do grupo de conselheiros idosos de seu pai, e não consegue manter o reino de Israel unido pois provocou um sentimento ruim para com o povo, fazendo com que 10 tribos se separassem de seu reinado ao norte. Tal movimento separatista veio através de Jeroboão que já teria tentado pegar o trono de Salomão, mas não teria conseguido pois teria fugido para o Egito pois Salomão queria o matar. Contudo, mais tarde Jeroboão sabendo da morte de Salomão aproveitou a oportunidade e conseguiu se declarar rei de Israel, porém da mesma forma, Roboão declarou um novo reino com as tribos que lhe havia sobrado, chamando o seu rei de Judá. O ponto chave dessa separação foi o aumento de impostos que Roboão queria implantar no reino de Israel<sup>36</sup>. (JOSÉFO 2004) (SCHULTZ, 1976).

A partir de então consequências do fim do reinado de Salomão ainda haviam deixado a idolatria de outros Deuses através de várias outras culturas e religiões que foram inseridas em Israel naquele tempo. Para os relatos bíblicos, o paganismo sempre foi o ponto para que o Deus de Israel deixasse de prover prosperidade e vitória para manter o povo mais ligados a ele. Todavia, esse conceito só se apresentava em um contexto de quebra da aliança feita pelo povo contra o seu Deus.

---

<sup>32</sup> Ver também em I Reis (1999): 3. 3-28 e em 2 Crônicas (1999): 1. 2-13.

<sup>33</sup> Ver também em I Reis (1999): 3. 1-2, 5. 1-12, 10, e em 2 Crônicas (1999): 1. 14-17, 2. 1-16, 9. 1-28.

<sup>34</sup> Ver também em I Reis (1999): 11. 1-25.

<sup>35</sup> Ver também em I Reis (1999): 6, 7, 8. E em 2 Crônicas (1999): 2. 17-18, 3. 1-17, 4. 1-22, 5. 1-14.

<sup>36</sup> Ver também em I Reis (1999): 11.41.43, 12 e em 2 Crônicas (1999): 9. 29-31, 10. 1-19, 11. 1-4.

Contudo, a história segue a mesma linha de pensamento, visto que os reinos de Israel e Judá viriam por muitas vezes cair na idolatria a outros deuses, isso irá se resumir nos momentos passados pelos dois reis ao longo dos próximos governos levantados.

No quadro (2) e no quadro (3) mostrará todos os reis que governaram Judá e Israel até a opressão dos impérios assírio e babilônico:

Quadro 2 - Reis de Israel

Nome	Duração do reino (anos)	Referência
Jeroboão I	22	1 Reis 11. 26-14
Nadabe	2	1 Reis 15. 25-28
Baasa	24	1 Reis 15. 27-16
Ela	2	1 Reis 16. 6-14
Zinri	(7 Dias)	1 Reis 16. 9-20
Onri	12	1 Reis 16. 15-28
Acabe	21	1 Reis 16. 28-22
Acazias	1	1 Reis 22. 40 e Reis 1.18
Jorão (Jeorão)	11	2 Reis 3. 1-9
Jeú	28	2 Reis 9. 1-10
Jeoacaz	16	2 Reis 13.1-9
Jeoás (Joás)	16	2 Reis 13 10-14
Jeroboão II	40	2 Reis 14. 23-29
Zacarias	(6 meses)	2 Reis 14. 29-15
Salum	(1 mês)	2 Reis 15. 10-15
Menaém	10	2 Reis 15. 14-22
Pecaías	2	2 Reis 15. 22-26
Peca	20	2 Reis 15. 27-31
Oséias	9	2 Reis 15. 30-17

Fonte: Packer et al, 1988.

Quadro 3 - Reis de Judá

Nome	Duração do reino (anos)	Referência
Roboão	17	1 Reis 11. 42-14

Abião (Abias)	3	1 Reis 14. 31-15
Asa	41	1 Reis 15. 8-24
Josafá	25	1 Reis 22. 41-51
Jeorão	8	2 Reis 8. 16-24
Acazias	1	2 Reis 8. 24-9
Atalia	6	2 Reis 11. 1-20
Joás	40	2 Reis 11. 1-12
Amazias	29	2 Reis 14. 1-20
Azarias (Uzias)	52	2 Reis 15. 1-7
Jotão	18	2 Reis 15. 32-38
Acaz	19	2 Reis 16. 1-20
Ezequias	29	2 Reis 18. 1-20
Manasses	55	2 Reis 21. 1-18
Amom	2	2 Reis 21. 19-26
Josias	31	2 Reis 22. 1-23
Jeoacaz	(3 meses)	2 Reis 23. 31-33
Jeoaquim	11	2 Reis 23. 34-24
Joaquim	(3 meses)	2 Reis 24. 8-16
Zedequias	11	2 Reis 24. 17-25:

Fonte: Packer et al, 1988.

Segundo os relatos Bíblicos, poucos reis foram fiéis aos preceitos divinos, tais reis encontrados nas linhagens dos reis de Judá, sendo estes Asa, Josafá, Joás, Amazias, Azarias e dentre outros. Em contraponto, os livros de II Crônicas (1999) e II Reis (1999) irão discorrer sobre alguns reis como Atalia que usurparam o poder para conseguirem o título de rei (PACKER et al, 1988).

A situação agora de Israel e de Judá foi piorando cada vez mais com o tempo, pois o Império Assírio se apresentava cada vez mais presente na vida do reino de Israel como também os babilônicos para com Judá. É neste contexto que próximo das conquistas dos impérios sobre os povos hebreus são apresentados alguns personagens como os profetas, tais como Elias, Elizeu, Isaías, Jeremias, Ezequiel e dentre outros. A função destes personagens está sempre relacionada a predizer o que irá acontecer e aconselhar os reis sobre a ira de Deus. Isaías tem um papel muito importante nos reinados de Acaz e Zedequias, pois ele usou de suas profecias

para mostrar muito antes de acontecer que a Babilônia viria tomar o reino de Judá, como também na questão referente aos assírios não terem conseguido oprimir Judá da mesma maneira como a Babilônia fez.<sup>37</sup> Porém, Jeremias o profeta que viveu para assistir os judeus entrarem em cativeiro através do poder de Nabucodonosor, que duraria por 70 anos. Este profeta também fez o seu papel de mostrar para o povo que a terrível opressão que estava por vir, sendo que até mesmo em seus relatos sentia muito medo do que poderia acontecer a ele, então ele orava ao seu Deus clamando compaixão de Judá<sup>38</sup> (LEWIN, 2009) (JOSÉFO, 2004) (SCHULTZ, 1976).

Tanto Israel como Judá passaram por momentos em que tiveram que barganhar a sua independência com o Império Assírio, pois nos tempos de Tiglate-Pileser III, o rei assírio fez com que os dois reinos tivessem que efetuar manobras diplomáticas para que através de tratados continuassem eles a obter um governo semiautônomo. Até que Oséias o último rei de Israel deixou de pagar tributos para que tivessem a sua autonomia novamente, foi então Salmaneser rei da Assíria na época invadiu Samaria capital do reino de Israel tomando todo o território do reino do norte.<sup>39</sup> Mais tarde em Judá no reinado de Ezequias o novo rei dos assírios na época Senaqueribe, tenta invadir Judá pelos mesmos motivos que anteriormente Salmaneser tentou contra Israel. Porém, Ezequias agora contava com a ajuda do profeta Isaías que o ajudou com as suas profecias aconselhando o rei a se aliar com os egípcios, como também segundo relatos bíblicos a contar com a ajuda divina para não serem oprimidos por este império. No entanto, a história relata que com a ajuda do profeta o reino de Judá obteve êxito<sup>40</sup> (JOSÉFO, 2004) (SCHULTZ, 1976).

No momento em que a Assíria teria então aliviado o atentado de oprimir o reino do sul ascendeu então no reinado de Josias sobre Judá o sonho de tornar o seu povo independente. Porém, esse sonho viria a se esmorecer com a ascensão do Império Babilônico. Portanto, o reino de Josias acabou por marcar o início da opressão babilônica sobre Judá, sendo assim mais tarde seu filho Joacaz seria morto pelo faraó Neco, que passou a ter grande influência por um tempo sobre Judá, pois teria posto seu irmão Jeoquim em seu lugar e sendo nesse momento que o poder de Nabucodonosor começa a aparecer interferindo no templo e nos reis de Judá, pois havia ele rei da Babilônia ordenado que se trocasse os reis de Judá passando de Jeoaquim para

---

<sup>37</sup> Ver também em 2 Reis (1999): 20. 12-21 e em Isaías (1999): 45. 1-7, 47.

<sup>38</sup> Ver também em Jeremias (1999): 17. 12-18, 21, 25. 1-14, 39, 52.

<sup>39</sup> Ver também em 2 Reis (1999): 17. 1-6.

<sup>40</sup> Ver também em 2 Reis (1999): 18, 19; em 2 Crônicas (1999): 32. 1-20; e em Isaías (1999): 36.1-22, 37. 1-7.

seu filho Joaquim e depois para Zedequias, irmão de Jeoaquim, sendo estes os últimos reis de Judá durante e antes do cativeiro babilônico<sup>41</sup> (JOSÉFO, 2004) (SCHULTZ, 1976).

A queda do reino de Israel então veio primeiro através do Império Assírio por volta de 723 a.C. No caso do reino de Judá as coisas aconteceram de forma mais devagar e aos poucos, visto que primeiro em 648 a.C. o rei Manasses é levado para a Babilônia preso, porém depois ele acaba voltando, sendo também alguns anos mais tarde Jeremias estaria começando seu ministério em 627 a.C.. No entanto, o pai de Nabucodonosor chamado de Nabopolassar destrona os assírios aproximadamente em 625 a.C. Após isso, por volta de 586 a.C. a Babilônia iniciou a queda de Judá para o exílio, seguindo anos mais tarde a conquista de Nabucodonosor até o território egípcio em 568 a.C. (PACKER et al, 1988).

---

<sup>41</sup> Ver também em 2 Reis (1999): 23. 28-36, 24. 6-19 e em 2 Crônicas (1999): 35. 20-27, 36.

#### 4 CATIVEIRO BABILÔNICO

O cativeiro babilônico é caracterizado por um momento em que os judeus ficaram exilados na babilônia de Nabucodonosor. Este momento é retratado nos textos bíblicos como um período em que o Império Babilônico oprimiu o povo judeu, os tirando de Jerusalém para viverem na Babilônia, muito longe de sua casa. Porém, analisando as palavras “cativeiro” e “exílio” será possível entender o motivo de tal expressões utilizadas por esse povo para designar esse período. Segundo Ferreira (1975) palavra “cativeiro” significa qualidade, caráter ou estado cativo, sendo este caracterizado por aquele que não goza de liberdade ou prisioneiro de guerra. Do mesmo modo, ele apresenta o significado da palavra “exílio” que significa a expatriação forçada, lugar afastado, solitário ou onde é desagradável habitar. Com essa explicação, é possível entender o motivo pelo qual os judeus trataram o período vivido na Babilônia como o cativeiro ou exílio, pois foram tirados de suas terras, da sua “pátria”, para habitar em outro lugar como prisioneiros de guerra, onde não era prazeroso morar.

Portanto, o motivo principal dos babilônicos terem colocado o povo judeu em cativeiro não foi pelo simples fato de oprimir e vandalizar com as coisas referente a cultura judaica, tal como o templo de Jerusalém, somente por fazer. A principal questão está relacionada no conceito imperialista pensando em um grande poder apresentado nas províncias próximas, sendo este o Egito. Analisando de uma maneira mais política, pode-se chegar em uma conclusão que a grande questão de os babilônicos terem tomado tal decisão sobre os judeus, foi simplesmente uma medida contra o poder egípcio que interferira de maneira direta sobre a região de Judá (STADELMANN, 1987).

Segundo Lewin (2009) o fator que fez a cultura judaica ainda permanecer viva ao logo dos tempos, não foi puramente a questão da dispersão físico-geográfica como um todo, mas sim as condições apresentadas na mesopotâmia que não fez com que eles não fossem transformados em escravos, tendo um papel importante na economia, tomando funções sociais para o meio em que viviam.

Neste contexto é apresentado o livro de Daniel (1999), em que os relatos bíblicos irão apresentar dois pontos importantes. O primeiro, mostra um pouco quem era o personagem e qual a sua influência nos tempos do exílio babilônico, e o segundo, mostra a apresentação das profecias que serão expostas aqui conforme o entendimento da mentalidade judaico-cristão sobre elas.

Os tempos da história de Daniel aconteceu segundo relatos bíblicos no reinado de Nabucodonosor. Tal rei segundo Silva et al (2018) foi um rei que realmente existiu, sendo

comprovado arqueologicamente através de pedras com o nome dele encontradas na região babilônica, onde uma delas se encontra aqui no Brasil no Museu de Arqueologia Bíblica no Centro Universitário Adventista de São Paulo.

Contudo, Daniel é contextualizado em seu livro como sendo um jovem judeu que foi para o cativeiro babilônico, onde teve que se adaptar com culturas muito diferentes da dele, mas que porém nunca teria deixado de acreditar na sua essência que era atrelada aos conceitos divinos de seu povo. Assim como Daniel o livro mostra outros jovens que também tiveram momentos de conflito de ideologia e que trabalhavam para com o rei. A grande diferença de Daniel para os demais de seu povo, era justamente o seu dom de interpretação tanto profética como também de sonhos. Essa e outras questões fizeram com que Daniel fosse alguém muito influente na babilônia durante os reis que ali passavam<sup>42</sup> (JOSÉFO, 2004).

Pessoas como profetas e adivinhos tinham grande importância na época de Daniel, pois segundo Bouzon (1991) ao falar sobre “o uso do transe extático no processo de adivinhação babilônica”, ressalta que essas pessoas interferiam em questões diretas nas vidas dos reis, capazes de influenciarem em questões econômicas. Ele explica que métodos como a adivinhação dedutiva por exemplo, era o mais utilizado para entender o desejo dos deuses para um determinado país. Tal prática era tão bem aceita que interferiu até mesmo na instituição do rei Assarhaddon (680 – 669 a.C.) que utilizou de tal recurso para se proclamar rei da assíria, pois ele não era o herdeiro primogênito de Senaqueribe que anteriormente fora mencionado aqui na seção 3.2.1 Reis de Israel.

#### 4.1 PROFECIAS DE DANIEL

É neste contexto que são apresentadas as profecias de Daniel. Porém, para a melhor compreensão delas será mostrada de forma resumida as profecias dadas ao profeta através do sonho de Nabucodonosor como as outras dadas a ele através do próprio intermédio divino. Tais profecias serão muito importantes para entender também através da história de que forma o pensamento judaico-cristão as interpreta, sendo assim o intuito não é comprovar a veracidade do comprimento das profecias, mas sim de apresentar como o povo entendia os eventos que aconteciam em sua volta, dentro da perspectiva do livro bíblico. Portanto, para o melhor entendimento serão mostradas as 4 profecias primeiro para depois as suas interpretações. A

---

<sup>42</sup> Ver Também em Daniel (1999): 1,2,3 e 6.

primeira se tratará sobre o sonho da estátua, a segundo sobre os quatro animais, a terceira sobre o carneiro e o bode e por último a quarta sobre as setenta semanas. Todas elas nessa sequência de tempo.

A primeira profecia foi apresentada primeiramente para o rei Nabucodonosor através de um sonho que ele não conseguia lembrar. Neste momento Daniel segundo os relatos bíblicos, faz lembrar o rei do que ele havia sonhado e dá sua interpretação. O sonho consistia em uma estátua grande que estava perante o rei babilônico, ela tinha uma peculiaridade pois a sua estrutura consistia em 5 estágios com diferentes metais em uma sequência. A sequência consistia na cabeça ser de ouro, os peitos e os braços serem de prata, o ventre e o quadril de bronze, as pernas de ferro e os pés em partes de ferro e barro. Em seguida é apresentado um elemento externo, o qual Daniel caracterizou como uma pedra que atingiu o pé da estátua e destruiria todos os metais<sup>43</sup> (SCHULTZ, 1976).

A segunda profecia é referente a visão que Daniel teve e que acontece no primeiro ano do reinado de Belsazar na Babilônia. A visão é caracterizado por quatro animais, sendo o primeiro um leão com asas de águia o qual foi lhe dado a mente de um homem; o segundo semelhante a um urso que carregava três costelas na boca; o terceiro semelhante a um leopardo de quatro cabeças e com quatro asas; contudo, o quarto animal é caracterizado como um animal terrível com dentes grandes de ferro para devorar e triturar os resíduos da destruição. Porém esta besta apresenta 10 cifres em sua cabeça sendo que três são destruídos para que um chifre nasça no lugar deles, este cifre tinha olhos humanos e uma boca que falava coisas fora do comum. Porém, após estes acontecimentos ele aponta para um elemento externo que se chama de “Ancião de dias”, sendo que logo após mencionar esse ancião, os animais perdem os seus domínios e o último animal é morto. A profecia termina com o Ancião instituindo ao que ele chama de alguém parecido com o “filho do Homem”, dando a ele o domínio, glória e povos. Fazendo assim com que o seu reino não seja destruído<sup>44</sup> (SCHULTZ, 1976).

A terceira visão foi apresentada no terceiro ano de Belsazar. Ela consiste em dois animais que irei caracterizar aqui com o nome da visão do carneiro e do bode. O primeiro animal a aparecer para Daniel foi um carneiro com dois chifres, sendo um maior que o outro, O segundo animal foi visto da direção do ocidente, este era um bode que viria a se chocar com o carneiro, tal choque resultou na morte do carneiro e na vitória do bode. Após o ocorrido, começou a sair

---

<sup>43</sup> Ver também em Daniel (1999): 2. 30-35.

<sup>44</sup> Ver também em Daniel (1999): 7. 3-14.

um cifre do bode que seria destruído para então aparecer 4 cifres, sendo então que dentre um desses cifres, começa a surgir um chifre menor. Deus fala para Daniel que quando este chifre crescesse, ele faria guerra contra sua nação, tomaria Jerusalém, aboliria todas as cerimônias do templo e dentro de um período proibiria que ali eles oferecessem sacrifícios<sup>45</sup> (JOSÉFO, 2004).

A quarta e última profecia dada a Daniel é mencionada no texto bíblico no período do rei Dario que foi constituído rei sobre os caldeus. A visão consiste em ser apresentada após o profeta analisar as profecias de Jeremias, em que ele fala sobre o período em que o povo judeu ficaria em cativeiro na babilônia, sendo então de 70 anos. Visto que estava perto de se cumprir Daniel faz uma oração suplicando por misericórdia de seu povo para que Deus os perdoasse. É neste momento que a visão foi dada ao profeta, sendo apresentada por um homem chamado Gabriel, que lhe diz que dentro de 70 semanas estavam determinadas para se concretizar alguns eventos do povo judeu. Dentro dessas semanas aconteceria a volta dos judeus a sua cidade santa, o aparecimento do ungido, onde ao final das 70 semanas seria determinada a morte deste ungido, após isso decorreria a vinda de um príncipe que viria para fazer guerras a eles e destruiria o santuário, fazendo cessar os sacrifícios e concretizaria alianças<sup>46</sup> (SCHULTZ, 1976).

Com as profecias expostas aqui, o decorrer dessa seção irá se ater a apresentar a interpretação com base no que os textos bíblicos apresentam como já revelado, assim como também o entendimento de autores extrabíblicos sobre elas. Dentre estes autores está Newton (2008) apresentando sua interpretação, em que utilizará um método que consiste em linguagem profética, a qual permite ter compreensão das simbologias dos textos bíblicos. Segundo Newton (2008) sobre o livro de Daniel (1999), ele fala sobre a importância das profecias do livro e diz que “Rejeitar suas profecias é rejeitar a religião cristã, pois que esta religião está fundada nas profecias a respeito do Messias.”

Outro autor importante aqui a ser apresentado para o conhecimento das profecias será Joséfo (2004), sendo, pois, de grande importância para mostrar o entendimento de um Judeu que viveu durante alguns anos após a morte de Cristo, expondo a maneira em que ele compreendia as profecias em seu tempo.

A interpretação sobre as profecias será feita aqui de modo a respeitar uma ordem de entendimento. Primeiro será apresentado as próprias revelações que o texto bíblico tem a dizer

---

<sup>45</sup> Ver também em Daniel (1999): 8.

<sup>46</sup> Ver também Daniel (1999): 9.

sobre as profecias, depois a visão dos autores sobre elas. Portanto, será seguida a mesma ordem sequencial de apresentação delas, sendo da primeira até a quarta.

A primeira profecia que diz respeito à estátua que o próprio texto bíblico releva apenas que a representatividade da cabeça de ouro é o reino da Babilônia, de Nabucodonosor. No entanto, os demais estágios da estátua representam reinos que viriam e sucederiam um após o outro, tendo por fim representar o último estágio da estátua (os pés) um reino dividido por dois elementos (ferro e barro), cujo Daniel interpreta esta mistura como sendo feita mediante casamento. O final da interpretação da profecia se atém a mostrar uma pedra como sendo um reino do Deus do céu que destruiria todas os reinos representados pela estátua e que constituiria um reino que duraria para sempre.<sup>47</sup>

Da mesma maneira, Joséfo (2004) em sua obra se atém a apresentar somente o que está mencionado nas escrituras de suas épocas, mostrando somente a interpretação das profecias em geral conforme o texto bíblico exhibe elas. A justificativa do autor perante esta como também em outras profecias se atém somente em narrar sobre as coisas que aconteceram até sua época e não explanar sobre as coisas futuras ao seu tempo.

Para a profecia da estátua Newton (2008) usa um método historicista, pois ele interpreta olhando para os mesmo reinos que o livro de Daniel (1999) colocou que sucedeu o babilônico, caracterizando ele o primeiro o babilônico, sendo representado pela cabeça de ouro; o reino dos medos e dos persas sucederam os babilônicos, representados pelo peito e os braços de prata; os gregos que sucedeu os reinos do medos e dos persas, sendo o grego representado pela ventre e o quadril de bronze; os romanos que sucedeu aos gregos, sendo os romanos representados pelas pernas de ferro. Para a conclusão dos romanos ele destaca o reinado dos romanos como um todo passando o de Antíoco Epifânio até o de Teodósio.

A interpretação bíblica sobre a segunda profecia dos quatro animais segue uma estrutura semelhante da primeira. A estrutura segue uma interpretação em que os animais citados nela são referentes a reinos que se levantariam, mas que, porém, o que é caracterizado como o “Ancião de dias” viria para fazer justiça para aos “santos do Altíssimo”, para que eles possam possuir o reino. Sobre a descrição do último animal, o livro de Daniel (1999) destaca que este devoraria toda a terra a fazendo em pedaços, sendo que os dez cifres em sua cabeça representam reis que se levantariam do reino da quarta besta. Portanto, a aparição do chifre menor significa um reino que destruiria três dos dez apresentados anteriormente, este cifre toma algumas ações

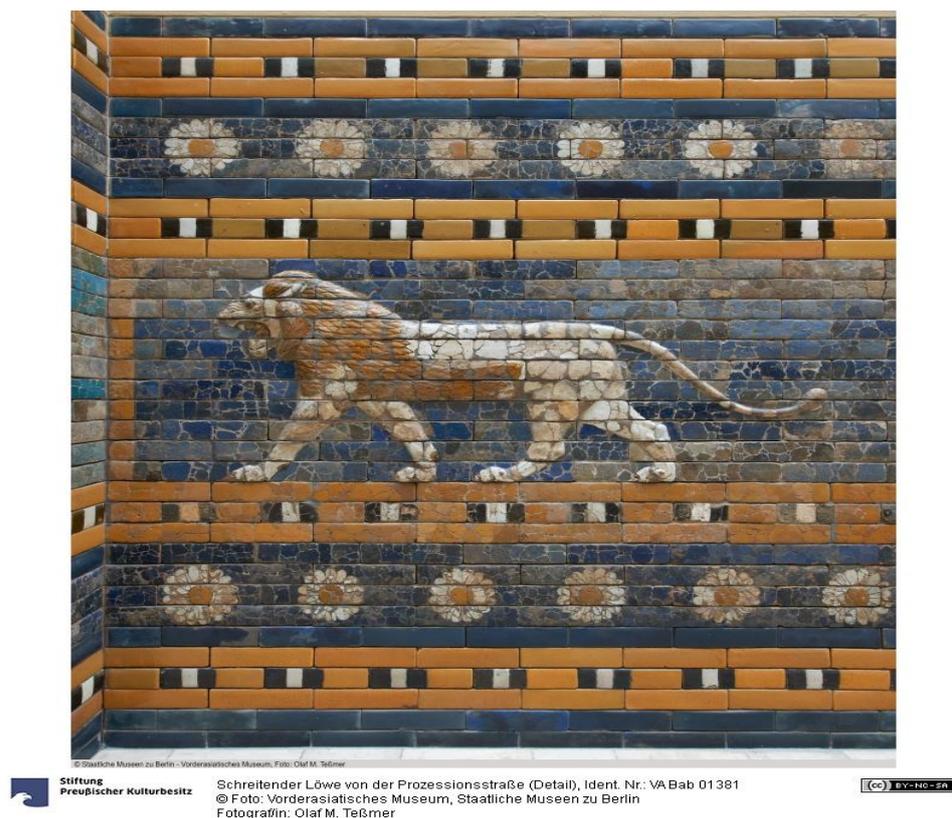
---

<sup>47</sup> Ver também Daniel (1999): 2. 36-45.

e elas estão relacionadas a ir contra o “Altíssimo” e os seus santos, sendo estes “santos do Altíssimo” entregue ao poder do cifre menor “por um tempo, dois tempos e metade de um tempo” e fazendo com que mudasse com os tempos e as leis. A interpretação termina com os todos os reinos dados aos santos do Altíssimo num reino eterno.<sup>48</sup>

No caso da profecia dos quatro animais, a interpretação bíblica do primeiro animal pode ter relação com a possibilidade de ser o reino babilônico a representatividade do leão com asas. Contudo, pode-se observar por exemplo uma hipótese de que o próprio Daniel entendia desta maneira, pois tal caracterização do animal tem grande semelhança com a Figura 8, sendo apresentado o mesmo animal com as mesmas características apontadas na profecia. A imagem se trata de uma escultura datada nos tempos de Nabucodonosor II no século VI a.C. que hoje está no museu Zu em Berlim, Alemanha.

Figura 8 - Leão na rua processional



Fonte: Staatliche Museen Zu Berlin (2020).

Sobre a segunda profecia, a dos animais, Joséfo (2004) não menciona ela ou mesmo sua interpretação, assim como a profecia das setenta semanas. O que não se sabe, é se o próprio

<sup>48</sup> Ver também em Daniel (1999): 7. 16-28.

autor não quis mencionar elas ou se não havia sido ainda escrito elas em sua época na versão das escrituras que ele tinha. Tal suposição justificasse pelo fato de o livro de Daniel (1999) não seguir uma ordem cronológica de acontecimentos, o que possibilita relacionar o porquê talvez não tenha sido mencionada na obra de Joséfo (2004).

A conclusão de Newton (2008) sobre a segunda profecia, a dos animais, ele ressalta que é basicamente um complemento da profecia anterior da estátua. A sequência dos reinos é basicamente a mesma o que muda entre uma e outra é a forma interpretativa, visto que um acaba dando detalhes que a outra não teria abordado. Portanto a profecia segue a caracterização do primeiro animal sendo o leão com asas de águia, representado pelo reino da Babilônia e da Média que segundo o autor tem relação com a derrubada do Império Assírio por estes dois reinos que depois dividiram entre si em dois Impérios. O segundo animal sendo o urso, tendo a representatividade do Império Persa, pois quando os medos invadiram a Babilônia eles tinham em seu domínio o povo persa, povo esse que mais tarde dominaria os medos e ergueria um Império. O terceiro animal que é o leopardo de quatro cabeças e quatro asas, é interpretado pelos gregos, pois as cabeças e as asas do animal indica a divisão de quatro reinos, em que o autor faz uma relação da Grécia quando continuou na monarquia durante o reinado de Alexandre o Grande, como também no período dos seus filhos Alexandre e Hércules e de seu irmão Arideus, para que mais tarde a Grécia viria ser dividida em quatro reinos, fazendo com que Cassandro, Lisímaco, Ptolomeu e Seleuco reinassem em regiões diferentes. O quarto animal que é caracterizado por um grande animal com dentes de ferro e dez chifre na cabeça o autor interpreta ser o Império Romano como um todo, por ter as características de ser mais forte e mais duradouro, que até o reinado de Teodósio, o qual morreu no ano de 395 d.C., dividiu-se em dez reinos a mando de Alarico que tomou a Macedônia, Tessália, Acaia, Peloponeso, Épiro, Dalmácia, Ilíria e a Panônia em 402 d.C., para que no ano seguinte fosse devastada a região da Pollentia e Verona pelo comandante das forças do Império do ocidente, Estilício. Portanto, sobre os últimos elementos da profecia está o chifre pequeno que o autor caracteriza como um poder vindo do Império Romano, sendo que ele caracteriza este mesmo poder como o que trataria de oprimir os judeus ao longo dos tempos.

Sobre a terceira profecia, está a interpretação sobre do carneiro e do bode. De acordo com o texto bíblico a interpretação que o livro passa é bem explícita, pois é auto explicada o significado da representação dos dois animais o carneiro e o bode como sendo os reinos da Pérsia (carneiro) e da Grécia (Bode), pois isso na própria visão já é relevado para Daniel. Os chifres dos dois animais também são apresentados como reinos, no caso do carneiro o menor significava à Média e o maior à Pérsia que viria logo depois, no caso do chifre do bode é

representado pelo primeiro rei que ao ter sido quebrado se levantariam quatro novos reis. Por fim o chifre que nasceria por último, de dentro um dos quatro chifres, é interpretado como um reino muito grande em poder, mas não por suas próprias forças, o mesmo seria especialista em fazer intrigas e destruiria os o povo santo, porém ele seria quebrado, mas não por mãos humanas.<sup>49</sup>

Com base na interpretação bíblica e fazendo relação com a interpretação de Newton (2008) a Figura 9 apresenta similaridades com a segunda e a terceira profecia, por se trata de uma imagem de um corpo de um leão com a cabeça de um carneiro e com asas. Tal semelhança é encontrada na interpretação de Newton (2008) ao concluir que uma das asas do leão da profecia dos animais seria o reino da Média, paralelamente a imagem traz a mesma característica, porém é destacado um terceiro elemento caracterizado pela cabeça ser de um carneiro, cuja a própria interpretação bíblica relata o carneiro sendo o reino da Média e da Pérsia, na terceira profecia correspondente a profecia do carneiro e do bode.

Figura 9 - Imagem decorativa do palácio de Dario I, em Susa.



Fonte: Pérsia, 2020.

Portanto, Joséfo (2004) ao interpretar a profecia do carneiro e do bode, ele destaca tal qual está nas escrituras de seu teu, ao passo que ele relata ter pegado por referência. Da mesma

---

<sup>49</sup> Ver também Daniel (1999): 8. 19-25.

forma a interpretação pode-se encontrar nos textos bíblicos hoje. A grande diferença interpretação dele para a bíblica, é que o autor ao fazer um complemento de uma análise histórica referente ao seu tempo, entende ser o pequeno chifre o Império Romano, especificamente nos tempos de Antíoco Epifânio. Sua conclusão é pautada através do que aconteceu nos dias do imperador romano Antíoco Epifânio. Ele conclui que o imperador ao devastar o templo dos judeus e fazendo cessar os sacrifícios deles por um tempo, estaria fazendo com que a profecia se cumprisse.

Newton (2008) desenvolve então uma interpretação um pouco mais complexa em comparação a de Joséfo. O autor quando menciona a profecia do carneiro e do bode, conclui ser o complemento das duas profecias anteriores, pelo fato desta profecia mencionar os reinos da Média, Pérsia e Grécia como sendo os reinos que sucederiam. Ele usa a mesma forma interpretativa que nas profecias anteriores, que tem como base a linguagem profética e um método histórico. Da mesma forma ele interpreta os quatro chifres do bode, como quatro reis da Grécia. O autor discorre ser a mesma interpretação e relação histórica que a profecia dos quatro animais apresentou anteriormente com o leopardo de quatro cabeças e quatro asas, sendo este representado a partir dos gregos. Porém, ao apresentar a interpretação do pequeno chifre que surge dentre um dos quatro, o chifre menor, é quando Newton (2008) irá interpretar como sendo um poder vindo do Império Romano e não sendo o período específico de um imperador, como o de Antíoco Epifânio. Para ele a representatividade dos chifres nunca devem ser relacionadas a pessoas e sim a um novo reino, sendo que para ele, mesmo que Antíoco tenha devastado com o povo judeu ele não cumpriu com os requisitos da profecia, cujo dentro de alguns fatores um deles por exemplo estava a destruição geral do templo, tal ação que o autor julga Antíoco não ter feito, assim como ele não cumprir com outros requisitos proféticos. Portanto, a interpretação do autor destaca ser o chifre menor como o poder romano como um todo, desde os tempos da dominação sobre as terras gregas até os tempos que sucedem os de Jesus.

Antes de falar sobre a próxima profecia é importante destacar que o ponto de divergência entre os dois autores, acontece muito também pelo fator histórico em que eles viviam, sendo que Joséfo (2004) apresenta aquilo em que estava em seu alcance interpretar, pois a sua obra corresponde aos tempos caracterizados depois de Cristo (entre 37–100 d.C.). No caso de Newton (2008) a sua interpretação é pautada por muito mais referências pelo fato de haver até mesmo mais informações sobre todas estes reinos no seu tempo (entre 1642-1727 d.C.), incluindo até mesmo o Império Romano, que apesar de Joséfo (2004) ter vivido nos tempos do Império Romano depois de cristo, é justificável que esta seja a sua interpretação sobre a

profecias do livro de Daniel, pois um dos grandes acontecimentos que ocorreu a seu povo em termos de devastação ocorreu nos tempos de Antíoco Epifânio.

A quarta e última profecia que corresponde a profecia das 70 semanas tem a sua interpretação bíblica ao longo dos três últimos capítulos do livro de Daniel (1999). A interpretação que é dada para Daniel, acontece no Rio Tigre, nela é revelado algumas coisas como os próximos reinos que sucederiam ao babilônico (Média, Pérsia e Grécia) e coisas que aconteceria no tempo do fim. Neste momento é mostrado para Daniel guardar aquelas informações pois estavam muito distantes ao tempo dele. O que foi caracterizado como o tempo do fim, estava determinado segundo a interpretação bíblica o momento em que Miguel, o grande príncipe defensor do povo, viria para salvar “todo aquele achado inscrito no livro”.<sup>50</sup>

Para a interpretação da profecia das setenta semanas, Newton (2008) usou um método histórico e matemático que pode apresentar uma versão interpretativa através das linguagens proféticas. Tal método possibilitou o autor ter a conclusão de que as setenta semanas da profecia equivalente a 490 anos, pois para o autor cada dia da semana é igual um ano, ou seja, para cada uma semana resulta em sete anos. Com isso ele traça uma linha cronológica a partir do retorno dos judeus com Esdras para Jerusalém após sair da Babilônia, até a morte de Jesus, que possibilita o autor chegar à conclusão da profecia, em que Jesus seria o ungido. Para obter esta conclusão o autor menciona o calendário Juliano para datar a chegada de Esdras a Jerusalém, o momento em que consta ser por volta de 4257 do Calendário Juliano. Portanto, o autor conclui que se contar desde a chegada de Esdras em Jerusalém, contando em anos judaicos começando do outono, a data da morte de Cristo cairá no ano de 4747 do Período Juliano, Anno Domini 34. Desta forma, é só efetuar uma conta de matemática básica ( $4257 - 4747$ ) que se chegará em um intervalo de tempo que corresponde em 490 anos entre um evento e outro.

Por fim, estas profecias que se encarregam de falar sobre a primeira vinda do Messias, como esta das 70 semanas, não é muito bem aceita pelos próprios judeus atualmente. Contudo, estes judeus não acreditam que Jesus é o Messias, visto que, há uma grande problemática no meio judaico, pois a profecias das 70 semanas relatam que o templo seria destruído novamente somente quando o Messias fosse morto, coisa que aconteceu nos tempos do Império Romano, onde concretizou a derrubada do templo de Jerusalém. Portanto, essa é uma incógnita que permeia a mente de muitos judeus, fazendo até mesmo que alguns líderes amaldiçoem aqueles

---

<sup>50</sup> Ver também em Daniel: 10, 11, 12.

que calculam o fim dos dias, pois em seu discernimento as profecias não se cumpriram (SEFARIA, 2020).

#### 4.2 AS RELAÇÕES ENTRE AS CIVILIZAÇÕES NA ANTIGUIDADE DO ORIENTE MÉDIO A PARTIR DA TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ

Esta seção se compromete a ressaltar três pontos chaves, das relações entre as civilizações da antiguidade do Oriente Médio a partir da interpretação da tradição judaico-cristã, sendo o primeiro correspondente as características das relações entre os povos e civilizações na antiguidade do Oriente Médio; o segundo sobre o entendimento que o povo de Israel tinha de si durante todo este período apresentado anteriormente; e por fim apresentar a evolução geopolítica da região da Babilônia até a dominação pelo Império Romano.

A primeira característica que envolve a relação dessas civilizações foi a luta pela sobrevivência, sendo ela pelos motivos de seguir uma genealogia, como foi no caso de Abraão, como também a continuidade de um reino, no caso dos reinos e impérios. A palavra “sobrevivência” aqui não é somente caracterizada sobre questões humanas no sentido físico, mas sim no sentido mais amplo da definição, denominando a sobrevivência no aspecto social e político como um todo. Contudo, isso foi apresentado em várias vezes principalmente na trajetória do povo hebreu, pois a sobrevivência neste caso não tem somente relação a preservação de um povo e sim nas suas ideologias culturais e religiosas. Da mesma forma outros povos demonstraram o mesmo interesse na preservação de sua cultura e religião, tal como os babilônicos fizeram com os judeus no período do cativo, tentando incutir sua cultura e religião, sendo uma forma de preservação e de dar continuidade tanto do reino como na cultura.

A segunda característica da relação destes povos é a disputa territorial. Esse ponto pode ser observado por várias vezes da história do povo Hebreu como também pelos impérios aqui apresentados. Na questão do povo hebreu, a luta sempre foi para retornar para as terras, que segundo sua tradição religiosa foi prometida para eles. Portanto, para este povo a conquista sem ser a terra prometida não teria tanto valor como as terras de Canaã, diferentemente de outros povos mencionados. Na grande maioria dos outros povos a questão territorial era sinônimo de poder e força e tinha um significado diferente em relação ao povo hebreu. A exemplo disso em minha observação a questão motivacional para se tomar algum território era muito mais pelo fator expansionista, sendo muitas vezes justificadas essas ações tomadas em prol da proteção do próprio reino. Ainda sobre a disputa territorial, observa-se as relações entre os povos na antiguidade, que a exemplo disso pode-se analisar alguns povos como os hebreus, sendo muitas

vezes oprimidos por potências maiores, tal qual como foi exposto no caso do reino de Israel e no reino de Judá. Ambos tiveram suas terras saqueadas e enfrentaram o poder de dois impérios, sendo o reino de Israel oprimido pelo Império Assírio e o reino de Judá pelo Império Babilônico. Contudo, nem sempre foi assim pois os egípcios demonstraram uma maneira diferente de lidar com povos estrangeiros. A relação entre os egípcios e estes povos, como os de origem semita se dava muito mais em prol da troca de serviços, o que possibilitou até mesmo que pessoas de origem não egípcia chegassem ao posto de faraó.

Portanto, no que diz respeito sobre a terceira característica, especificamente para o povo de Israel, ele entendia a si como sendo o povo escolhido por Deus para habitar nas terras prometidas. No entanto, a conclusão mostrada a partir do estudo dos textos bíblicos, é que os momentos em que o povo viesse a passar por problemas, a justificativa viria através do resultado de um distanciamento das coisas relacionadas ao divino. Este exemplo pode ser dado por várias vezes principalmente quando se tratava dos reis e líderes de Israel, pois a explicação de uma má gestão de um governo é relacionada com o distanciamento de Deus, a perda de uma guerra também relacionada com a distância das coisas de Deus, assim como outras ocasiões que os relatos bíblicos apontam como o motivo principal sendo apostasia a outros deuses.

Entretanto, a ideia monoteísta pregada desde os tempos de Abraão foi o que ajudou o povo judeu a sobreviver durante os tempos segundo os textos bíblicos. Esse conceito passou a fazer com este povo entendesse que os demais povos em sua volta não poderiam inculcar ou misturar outras tradições diferentes do monoteísmo que eles acreditavam. Este entendimento sempre foi mais apresentado dentre os líderes, tais como os profetas, juízes e os líderes antes da constituição dos reis de Israel. Os relatos bíblicos mostram que o povo de Israel passou a ter esse entendimento, muito mais depois do cativeiro babilônico, visto que o povo judeu naqueles momentos teria perdido o seu rei, a sua casa e a sua liberdade. Portanto, todas estas relações justificam-se e concluem após a morte do rei Salomão, sendo este apontado como o precursor de fazer com que a questão da apostasia fosse inserida em seu reino, trazida através de suas inúmeras negociações estrangeiras que resultaram no casamento do rei com princesas estrangeiras, sendo estas que colocariam no reino de Israel a mistura de Deuses pagãos.

A partir destes acontecimentos a geopolítica da região começou a apresentar um formato diferente, pois anos depois o reino se dividiria em dois. Sendo formado o reino de Judá ao Sul e por Israel ao Norte que anos mais tarde seriam assolados. Portanto, como o povo que continuou vivo, os judeus, foram levados para um novo território do Império Babilônico.

No entanto, com a presença do Império Babilônico por volta de 605 a.C. a geopolítica da região começou a tomar uma forma diferente com Nabucodonosor, porém os tempos que



Figura 11 - Expansão do Império Romano



Fonte: Roma Antiga, 2020.

## 5 CONCLUSÃO

A presente monografia enquanto estudo sobre as relações históricas do Oriente Médio, buscou entender como os eventos relativos à peregrinação do povo hebreu na antiguidade, em especial durante o episódio do “cativeiro da Babilônia”, são tratados na mentalidade judaico-cristã a partir da Bíblia.

Dentro do que foi proposto, pode-se observar que o povo hebreu se constituiu a partir de um grupo pequeno de pessoas com um ideal religioso muito forte, sendo capaz sobreviver durante milênios, segundo os livros bíblicos. Os relatos bíblicos consistem nas relações históricas sobre os problemas deste povo, em que pode ser visto questões capazes de manter conceitos políticos até hoje. Porém, o ponto central de toda a trajetória é a questão territorial, que segundo a bíblia, não foi resolvida por definitivo desde os tempos de Abraão.

Este aspecto torna o povo hebreu peculiar em comparação a outros povos de sua mesma época, consiste no desejo pela tal terra prometida. Segundo os textos bíblicos não se tratava de um simples pedaço de terra, ou conquistar uma região somente por conquistar, pois o ponto motivador deles tem base numa doutrina que resistiu por muito tempo. Entretanto, por mais que é relatado que as tribos de Israel acabaram se sujeitando a ficar em escravidão no Egito para resolver o problema da fome, é discorrido que, mesmo quando tiveram a oportunidade de sair das terras egípcias, o sonho de voltar para as terras de Canaã ainda continuou vivo, sendo que os percalços durante do caminho não fizeram com que o povo recuasse para outro lugar, mesmo que enfrentando várias guerras no trajeto.

Através da conquista sobre as terras de Canaã, pode-se entender o percurso histórico das tribos e toda questão de sua organização política, como também as relações com outras civilizações. Ao passo que o povo obteve a terra prometida, uma das primeiras coisas requeridas por eles foi a presença de um rei para os governar, pois até então o povo sempre foi instruído em toda sua trajetória por juízes ou homens que tinham contato com o Deus deles frequentemente. Após de estabelecer um rei sobre Israel, o período monárquico ainda continuou sofrendo vários ataques das civilizações vizinhas, como os filisteus, que tentavam tomar as terras de Canaã.

As relações com outros povos que Israel teve sempre foi colocada como algo que deveria ser feito com muita cautela. De acordo com os preceitos religiosos da época, apresentado muitas vezes pelos profetas e juízes. No entanto esses preceitos são apresentados nos textos bíblicos como uma maneira de fazer com que o povo ainda continuasse mantendo a essência do

monoteísmo, pois toda vez que algo ruim acontecia a justificativa bíblica sempre relacionava tal evento ou situação com o distanciamento do povo com as coisas divinas.

Após a divisão de Israel, os relatos bíblicos mostram uma outra ótica sobre a ascensão e queda dos impérios que viveram naqueles tempos, em que os reinos de Israel e Judá foram oprimidos por estrangeiros. Portanto, os livros da Bíblia mostraram que os reinos de Israel e Judá estavam no meio de um conflito de interesses muito grande, pois os impérios que viviam em sua volta começaram a impor cada vez mais as suas forças, fazendo com que os dois reinos agora divididos tivessem que buscar alternativas que possibilitassem eles de ficar nas suas terras. Entretanto, a partir desse determinado contexto histórico foi possível debater de que maneira a ascensão, conquista e queda de impérios são apresentados nos textos bíblicos e o que foi relacionado com o contexto geopolítico do Oriente Médio na antiguidade.

Contudo, a região estudada de todo o Crescente Fértil demonstrou ser uma área muito concorrida não somente pelos pequenos povos que viviam ali, mas também pelos grandes impérios que expandiram seus territórios nessa região. Após a divisão do reino de Israel, tanto o reino do Norte como o do Sul, estes se encontraram num período delicado para ambos, pois tinham que pagar tributos para não perderem suas terras. Ao passo que o reino do Norte tentou reivindicar a sua independência deixando de pagar tributos ao Império Assírio, que por anos vinha cobrando deles. Isso fez com que a Assíria viesse tentar tomar as terras do reino do norte, o que aconteceu depois de um tempo segundo a história bíblica. Porém, a disputa pela região estava tão grande que os assírios não conseguiram tomar o reino do Sul, que foi conquistado pelo Império Babilônico mais tarde.

A conclusão que se pode tirar de tais eventos é que esta era uma região de muitos interesses já mesmo na antiguidade. O momento em que se começa o cativeiro babilônico para os judeus, a Babilônia é apresentada como uma grande potência da região do Oriente Médio que incutiu seu poder não somente sobre os judeus, mas também sobre o Egito e o Império Assírio. Assim como a Babilônia, ao decorrer da história na região, foram-se proclamando novos impérios, os quais tomariam o lugar e reinariam sobre as terras babilônicas. Portanto, da mesma forma que antes os textos bíblicos que tinham uma maneira de interpretar as questões problemáticas do povo de Israel, agora passam a ter e a apresentar uma interpretação sobre os eventos relacionados aos impérios desde o cativeiro da Babilônia.

A partir desse momento é que os profetas começam a apresentar uma função importante segundo a Bíblia, pois vai ser através destas pessoas que foi construída a mentalidade do povo sobre diversos acontecimentos históricos. No entanto, é a partir desse momento que será possível identificar as relações entre o contexto histórico do Oriente Médio, especificamente da

região do Império Babilônico, com aquilo que existe na mentalidade judaico-cristã, interpretada a partir da Bíblia. De maneira que autores extrabíblicos possam ter a oportunidade debater sobre a ótica da Bíblia nos eventos internacionais da antiguidade.

Tal temática possibilitou que a Bíblia possa ser observada não somente como um livro religioso, mas também um livro histórico, capaz de mencionar eventos que realmente aconteceram, como a ascensão e queda de impérios mesmo que de forma metafórica apresentada em suas profecias. Visto o que foi mostrado de acordo com as interpretações de Newton (2008) e de Joséfo (2004).

Portanto, ao relatar o cumprimento dos objetivos propostos o presente estudo demonstrou ser um tema importante para o entendimento sobre as civilizações antigas, pois ajuda no entendimento sobre as relações internacionais do antigo oriente, sobre a ótica judaico-cristã. Entretanto, o estudo possibilita fazer um paralelo com acontecimentos históricos que carregam consequências atuais, visto que a região estudada mostrou ser uma área disputada desde muito tempo atrás, o que fez com que até mesmo povos ocidentais voltassem os olhos para estas terras. A geopolítica da região mostra que é possível fazer um estudo sobre as relações de poder da antiguidade não somente em detrimento aos impérios que ali passaram, mas sobre a influência que o pensamento judaico-cristão tem sobre tais acontecimentos e que podem vir a interferir no presente.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Fabio Py Murta. Uma introdução ao livro de Josué. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, [S.L.], v. 4, n. 7, p. 27-34, 30 out. 2010. Universidade Federal de Minas Gerais - Pro-Reitoria de Pesquisa. <http://dx.doi.org/10.17851/1982-3053.4.7.27-34>.
- BAINES, John; MALEK Jaromir. **Deuses templos e faraós: Atlas cultural do Antigo Egito**. Barcelona: Folio, 2008.
- BOUZON, Emanuel. O uso do transe extático no processo da adivinhação babilônica. **Clássica-Revista Brasileira de Estudos Clássicos**, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 32-52, 1991.
- CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. **O Egito antigo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 3. ed, 1982.
- CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. **Sete olhares sobre a antiguidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- CARVALHO, Getro. **Como a bíblia evangélica é formada e organizada?** 2017. Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/como-a-biblia-evangelica-e-formada-e-organizada>. Acesso em: 16 nov. 2020.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. Ed, São Paulo: Prentice Hall, 2007.
- CRESCENTE FÉRTIL. **Britannica Escola**. Web, 2020. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Crescente-F%C3%A9rtil/481272>. Acesso em: 8 maio 2020.
- DIAS, José Amadeu Coelho. **Hebreus e Filisteus na terra de Canaã**. 1993. 439 f. Tese (Doutorado) - Curso de História da Antiguidade Oriental, FLUP, Porto, 1996. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/53688>. Acesso em: 27 out. 2020.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- FERREIRA, Carolina Assed. **A privatização da guerra e seus impactos no direito internacional humanitário**. 2011. 585 f. Tese (Doutorado em Direito) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/5655>>. Acesso em 7 maio 2020.
- GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. *E-book*.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GRÉCIA ANTIGA. **Britannica Escola**. 2020. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Gr%C3%A9cia-antiga/481417>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- JOSEFO, Flávio. **História dos Hebreus**. 8. ed. Rio de Janeiro: Cpad, 2004.

LEWIN, Helena. Ressonância e dissonância judaicas: a diáspora e o exílio como objetos do literário. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, [S.L.], v. 3, n. 4, p. 28-37, 30 mar. 2009. Universidade Federal de Minas Gerais - Pró-Reitoria de Pesquisa. <http://dx.doi.org/10.17851/1982-3053.3.4.28-37>.

MARRIOT, Emma. **A história do mundo para quem tem pressa**. Rio de Janeiro: Valentina. 2015. *E-book*.

MARTINS, Rosilda Baron. **Metodologia científica: como tornar mais agradável a elaboração dos trabalhos acadêmicos**. Curitiba: Juruá, 2004.

MESOPOTÂMIA. **Britannica Escola**. Web, 2020. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Mesopotâmia/481886>. Acesso em: 10 maio. 2020.

MOISÉS. **Britannica Escola**. Web, 2020. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Moisés/481965>. Acesso em: 17 maio. 2020.

NEWTON, Sir. Isaac. **As profecias do apocalipse e o livro de Daniel: as raízes do código da Bíblia**. São Paulo: Pensamento, 2008.

PACKER, James I.; TENNEY, Merril C.; WHITTE, Whilliam. **O mundo do antigo testamento**. São Paulo: Vida, 1976.

PÉRSIA. **Britannica Escola**. Web. 2020. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/P%C3%A9rsia/482192>. Acesso em: 10 maio. 2020.

PINSKY, Jaime. **As primeiras civilizações**. São Paulo: Contexto, 2011. *E-book*.

RESOURCES, Exodus 17. **Precept Austin**. 2020 Disponível em: <https://www.preceptaustin.org/exodus-17-resources>. Acesso em 15 out. 2020.

ROMA ANTIGA. **Britannica Escola**. Web. 2020. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Roma-antiga/482393>. Acesso em: 10 nov. 2020.

SCHULTZ, Samuel J. **Habla el Antiguo Testamento**. Michigan: Portavoz, 1976.

SEFARIA. **Sanhedrin 97b: O Talmud Willian Davidson**. Disponível em: <https://www.sefaria.org/Sanhedrin.97b.9?lang=bi&with=Midrash&lang2=en>. Acesso em: 23 nov. 2020.

SILVA, Rodrigo P. **Escavando a verdade: a arqueologia e as incríveis histórias da Bíblia**. 2. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

SILVA, Rodrigo P. da; TUDELA, Diego R.G.; MUNITA, Casimiro S.; HAZENFRATZ, Roberto; TATUMI, Sonia H.; YEE, Marcio; MITTANI, Juan C.R. Firing temperature determination and thermoluminescence dating of a brick with cuneiform characters found in the ruins of Ancient Babylon. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, [S.L.], n. 28, p. 58-69, 13 abr. 2018. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2017.133911>.

STAATLICHE MUSEEN ZU BERLIN. **Schreitender Löwe von der Prozessionsstraße (Detail)**. Disponível em: <http://www.smb->

digital.de/eMuseumPlus?service=ExternalInterface&module=collection&objectId=1744630&viewType=detailView. Acesso em: 10 nov. 2020.

STADELMANN, Luís I.J. Fidelidade em época de crise. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 19, n. 48, p. 181-202, jan. 1987.

STEINMANN, Jean. **O livro da consolação de Israel e os profetas da volta do Exílio**. São Paulo: Paulinas, 1976.

#### REFERÊNCIAS TIRADAS DOS LIVROS DA BÍBLIA:

1 CRÔNICAS. Português. In **BÍBLIA Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil - 2 ed. Barueri, 1999. p. 286-308.

1 REIS. Português. In **BÍBLIA Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil - 2 ed. Barueri, 1999. p. 239-263.

1 SAMUEL. Português. In **BÍBLIA Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil - 2 ed. Barueri, 1999. p. 194-218.

2 CRÔNICAS. Português. In **BÍBLIA Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil - 2 ed. Barueri, 1999. p. 308-334

2 REIS. Português. In **BÍBLIA Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil - 2 ed. Barueri, 1999. p. 263-286.

2 SAMUEL. Português. In **BÍBLIA Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil - 2 ed. Barueri, 1999. p. 219-239.

DANIEL. Português. In **BÍBLIA Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil - 2 ed. Barueri, 1999. p. 587-598.

DEUTERONÔMIO. Português. In **BÍBLIA Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil - 2 ed. Barueri, 1999. p. 128-155.

ÊXODO. Português. In **BÍBLIA Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil - 2 ed. Barueri, 1999. p. 40-72.

GÊNESIS. Português. In **BÍBLIA Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil - 2 ed. Barueri, 1999. p. 3-40

ISAÍAS. Português. In **BÍBLIA Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil - 2 ed. Barueri, 1999. p. 469-505.

JEREMIAS. Português. In **BÍBLIA Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil - 2 ed. Barueri, 1999. p 506-546.

JOSUÉ. Português. In **BÍBLIA Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil - 2 ed. Barueri, 1999. p. 155-173

JUÍZES. Português. In **BÍBLIA Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil - 2 ed. Barueri, 1999. p. 173-192.

LEVÍTICOS. Português. In **BÍBLIA Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil - 2 ed. Barueri, 1999. p. 72-95.

NÚMEROS. Português. In **BÍBLIA Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil - 2 ed. Barueri, 1999. p 95-127